

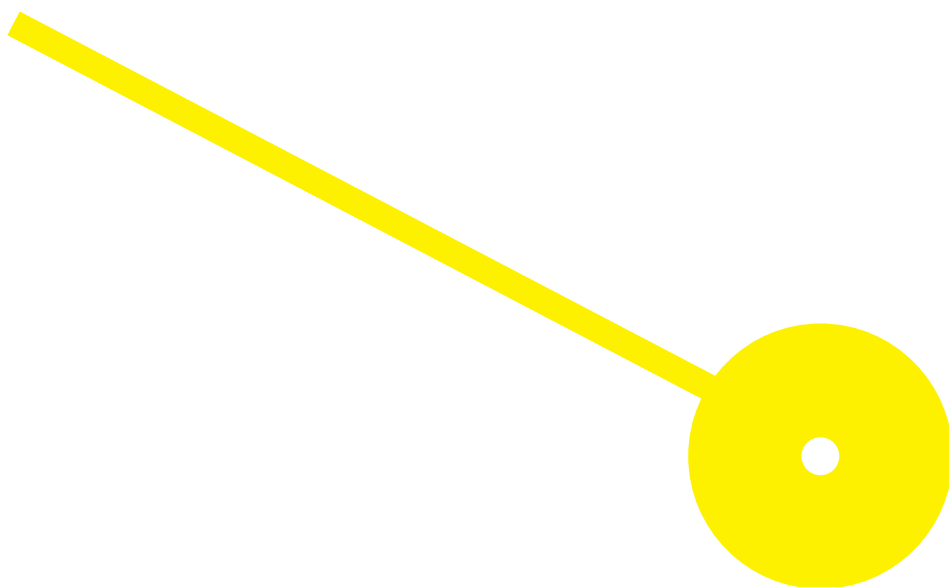
M

MESTRADO
TERAPIA DA FALA

Tradução e Adaptação Cultural e Linguística do Teste de Avaliação da Linguagem na Criança para o Crioulo de Cabo Verde

Telma Sofia Gonçalves Pereira

05/2024





**ESCOLA
SUPERIOR
DE SAÚDE**

**Tradução e Adaptação Cultural e Linguística do Teste de Avaliação da Linguagem na
Criança para o Crioulo de Cabo Verde**

Autor

Telma Sofia Gonçalves Pereira

Orientadores

Mestre/Maria João Moreira Gonçalves/ Prof. Coordenadora da ESS/P.Porto

Doutor/Emanuel Fernandes Passos/ Presidente da ONAD-CV

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em **Terapia da Fala** pela Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico do Porto.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por nunca me ter abandonado principalmente nos momentos de fraqueza.

Agradeço às Terapeutas Dulce Maria Tavares e Eillean Sua-Key por terem aceitado este desafio, por disponibilizarem todos os materiais necessários e estarem sempre disponíveis durante todo o processo.

Agradeço à Prof^a Paula Faria, que iniciou comigo este projeto, por toda a ajuda e orientação dada. Agradeço profundamente à Prof^a Maria João Gonçalves, por ter aceitado este projeto a meio e orientar-me sempre na investigação, estando sempre disponível e fazendo com que eu enxergasse o potencial do meu trabalho, despertando a cada orientação a vontade cada vez maior de o concluir.

Obrigada, especial, também ao meu coorientador Professor Dr. Emanuel dos Passos, por ter aceitado fazer parte deste projeto, pelo incentivo de não desistir perante os obstáculos e por me ensinar que, por vezes, é necessário recuar para se obter um grande resultado.

A toda a equipa de profissionais que contribuíram para este estudo, desde a equipa de tradutores: ao jovem-estudante Rúben António Gonçalves Pereira e ao professor, escritor, Ativista Pan-africano António Melicio Pires, aos retrotadutores – à professora Madalena Mendes Gonçalves Pereira e à Linguista Ana Karina Tavares Moreira, muito obrigada por toda a dedicação, apoio e aprendizagem.

Aos meus colegas da área que aceitaram este desafio: Viviane de Jesus Rodrigues da Moura; Celsa Jaqueline Tavares Mendes; Patrick de Jesus Tavares da Moura; Daniel D. Neves; Daniel David Montrond de Pina; Deisy Rodrigues, o meu agradecimento profundo por toda a partilha, ajuda e dedicação.

À toda a minha família, principalmente aos meus pais Lena e Tó, por sempre me apoiarem em todos os meus sonhos e projetos, e estarem sempre presentes durante todo este processo, com palavras de incentivo, acolhimento e amor.

Agradeço ao meu namorado, Marcos da Lomba, por toda paciência, dedicação e amor durante esta fase árdua. Obrigada por estares sempre do meu lado, por seres o meu suporte, por me incentivares a nunca desistir e a enxergar o quão forte e capaz eu sou. Que sorte a minha te ter na minha vida e assim será para sempre, se Deus quiser.

Por fim, dedico esta Tese, ao meu irmãozinho Rider António Gonçalves Pereira, pois mesmo sem saberes, fostes a minha âncora, a minha vontade de vencer.

“ Si ca badu ka ta biradu ”

Resumo

Introdução: Cabo Verde possui duas línguas com estatutos diferenciados: o Português – língua oficial e internacional e o Crioulo Cabo-verdiano – língua nacional e materna. Pela falta de instrumentos para avaliar a linguagem das crianças em Crioulo, optou-se por adaptar um instrumento desenvolvido para as crianças falantes de Português Europeu devido à proximidade entre as duas línguas. **Objetivo:** Traduzir e adaptar cultural e linguisticamente o Teste de Avaliação da Linguagem (TALC) para o crioulo, para poder ser empregue por outros pesquisadores a crianças cabo-verdianas. **Método:** O estudo passou pelas seguintes etapas para alcançar uma primeira versão: tradução, retroversão, painel de peritos. Essa versão harmonizada para o Crioulo de Cabo Verde foi apresentada ao painel de *cognitive debriefing* para aferição do Índice de Validade de Conteúdo (IVC). **Resultados:** A versão harmonizada ficou com 193 itens. A maioria dos itens da versão harmonizada obtiveram um IVCglobal superior a 0.80, sendo considerado aceitável. Os valores obtidos foram excelentes em três das categorias analisadas: conteúdo (1,00), linguagem (1,00), ilustrações (1,00). A categoria motivação obteve IVCcat correspondente a 0.88. **Considerações finais:** Conseguiu-se atingir a versão harmonizada para o Crioulo de Cabo Verde. Dados os comentários dos elementos do *cognitive debriefing*, sugere-se que o instrumento seja testado junto da população para verificar a sua adequação.

Palavras-chave: Tradução e Adaptação Cultural e Linguística; Crioulo de Cabo Verde; Teste de Avaliação da Linguagem

Abstract

Introduction: Cape Verde has two languages with different statuses: Portuguese – official and international language and Cape-Verdean Creole – national and mother tongue. Due to the lack of instruments to assess children’s language in Creole, it was decided to adapt an instrument developed for children who speak European Portuguese due to the proximity between the two languages. **Objective:** Translate and culturally and linguistically adapt the Language Test (TALC) into Creole, so that it can be used by other researchers to Cape Verdean children. **Method:** The study went through the following stages: translation, back-version, expert panel. This harmonized version for Cape Verdean Creole was presented to the cognitive debriefing panel to assess the Content Validity Index (CVI). **Results:** The harmonized version had 193 items. Most of the items in the harmonized version obtained an overall CVI higher than 0.80, which is considered acceptable. The values obtained were excellent in three of the categories analyzed: content (1.00), language (1.00), illustrations (1.00). The motivation category obtained IVCcat corresponding to 0.88. **Final considerations:** A harmonized version for Cape-verdean Creole was achieved. Given the comments of the elements of the *cognitive debriefing*, it is suggested that the instrument be tested with the population to verify its adequacy.

Keywords: Translation and Cultural and Linguistic adaptation; Cape Verde Creole; Language Assessment Test.

Índice

1.	Introdução.....	6
1.1.	Aquisição e desenvolvimento da linguagem.....	10
1.2	Aquisição da língua materna.....	14
1.3	A língua crioula de Cabo Verde	17
1.3.1.	A evolução da língua crioula de Cabo Verde.....	17
1.3.2.	O Crioulo de Cabo Verde escrito e falado.....	20
1.3.3.	Morfossintaxe do Crioulo de Cabo Verde	23
1.3.4.	Fonologia do Crioulo de Cabo Verde.....	25
1.4	Bilinguismo: Crioulo VS Português.....	27
1.5	Objetivos.....	29
2	Metodologia.....	31
2.1.	Desenho e tipo de estudo	31
2.2.	Participantes	32
2.3.	Instrumentos de referência de medida	32
2.4	Procedimentos.....	33
3	Resultados	39
4	Discussão.....	45
5	Considerações Finais.....	50
	Referências Bibliográficas	53

1. Introdução

A língua de Cabo Verde – o Crioulo de Cabo Verde – surgiu da mistura dos dialetos africanos com o português, na tentativa de comunicação (Pires, 2007). Nos primeiros séculos de colonização, o Crioulo foi considerado uma língua importante para o processo de evangelização ou de catequização, no estabelecimento das relações comerciais. Em contrapartida, foi considerada também como rudimento da língua portuguesa, ou mesmo um dialeto da mesma, na qual os cabo-verdianos podiam afirmar que a sua Língua Materna (LM) era a Língua Portuguesa (LP) (Reis, 2011).

Segundo o decreto-Lei nº67/98 da legislação Cabo-verdiana, a situação linguística em Cabo Verde caracteriza-se pela existência de duas línguas com estatutos diferenciados: o Português é a língua oficial e internacional e o Cabo-verdiano (ou o Crioulo de Cabo Verde) é a língua nacional e materna do país. Pires (2007) compartilha do mesmo pensamento descrito no Decreto-Lei nº67/98, relatando que em Cabo Verde o Crioulo coexiste de forma pacífica com o Português. Este é falado pela totalidade da população nativa, tendo apenas a função social de comunicação informal, particularmente da oralidade, enquanto para a língua portuguesa estão reservadas as funções de comunicação formal igual à época colonial: é a língua da Administração, do Ensino, da Justiça.

Em 5 de Julho de 1975, com a independência nacional, o Governo de Cabo Verde mostrou interesse em valorizar o Crioulo como sendo a língua materna e, em 1978, foi criada uma Direção Geral da Cultura que tinha como um dos objetivos a afirmação e a valorização do Crioulo como língua materna. No ano seguinte, 1979, saiu a proposta de um alfabeto de base fonológica, que ficou conhecido como Alfabeto do Colóquio de Mindelo, composto por 26 letras, com consoantes palatais assinaladas com diacríticos (Sanches, 2005). Apesar de não chegar a ser oficializado, a Direção Geral da Cultura, sua proponente, e alguns escritores nacionais utilizaram-no de forma formal nas suas atividades (Sanches, 2005).

Mesmo com a independência do país, segundo o artigo 9º da Constituição da República de Cabo Verde, aprovada pela Lei Constitucional nº1/IV/92, de 25 de setembro, alterada pelas Leis Constitucionais nº:1/IV/95, de 13 de novembro, 1/V/99, de 23 de Novembro e 1/VII/2010 de 3 de Maio, a língua portuguesa continua sendo a única língua oficial do país até o presente momento. De facto, o artigo 9º (Línguas Oficiais) estabelece que:

1. O Português é a língua oficial do país.

2. O Estado promove as condições para a oficialização da língua materna cabo-verdiana em paridade com a língua portuguesa.

3. Todos os cidadãos nacionais têm o dever de conhecer as línguas oficiais e o direito de usá-las.

Contudo, a língua cabo-verdiana não é ensinada formalmente nas instituições de ensino básico e secundário, apesar da existência de cursos superiores sobre o tema. Na Universidade de Cabo Verde (universidade pública) existe um curso voltado para a formação docente, denominado “Licenciatura em Estudos Portugueses e Cabo-verdianos”, e, nos anos de 2010 a 2013, chegou a haver um Mestrado em Crioulística e Língua Cabo-verdiana, para além da existência de alguns materiais didáticos para o ensino da língua (Semedo, 2021).

Assim, apesar da aparente igualdade de estatuto entre a língua portuguesa e a Língua Cabo-verdiana ser garantida pelo artigo 9º, alínea 2 (supracitado) da Constituição da República de Cabo Verde, a realidade presente na educação do país não condiz com o descrito na Constituição.

Vários foram os percursores intelectuais, como Eugénio Tavares Data e Pedro Cardoso, que fizeram tentativas de defesa e valorização do Crioulo enquanto Língua Materna dos cabo-verdianos, desde a primeira metade do século XX (Reis, 2011).

Segundo Baltazar Lopes da Silva, na sua monografia *O Dialecto crioulo de Cabo Verde (1975)*, Crioulo não é um dialeto do Português, mas uma língua com a sua especificidade própria e assumida como Língua Materna dos Cabo-verdianos, pois é através dela que os cabo-verdianos aprendem os primeiros sons, a socialização e a língua através da qual exprimem a sua visão do mundo.

Vários outros estudos descritivos têm sido desenvolvidos, especialmente em relação às variedades da ilha de Santiago e da ilha de São Vicente, em diversos subsistemas/áreas. Para as áreas de fonética, fonologia temos os estudos de Baptista (2013), Lang (2001 e 2018), Moreira (2013), Quint (2000), Rodrigues (2007) ou Zanolli (2014); para morfossintaxe temos os estudos de Alexandre (2009), Baptista (2002), Brito (2011), Lang (2018), Lopes (2012), Pina (2006), Pratas (2007), Quint (2000 e 2010), e sociolinguística, os estudos de Melo Lopes (2011). Também aqui se destacam os trabalhos desenvolvidos recentemente para o Crioulo da ilha de São Nicolau (Lopes, 2012); Ilha de Santo Antão (Baptista, 2013); ilha do Fogo (Moreira, 2020), para além de traduções de livros como o *Príncipezinho* (Quint e Semedo, 2013), entre outras obras.

Apesar de o Crioulo ser considerado apenas como tendo uma função social, vários estudos à volta da língua vêm demonstrando que o Crioulo de Cabo Verde é uma língua, como os Crioulos em geral, e não um dialeto de uma língua-mãe, pois possui uma estrutura gramatical própria, diferente do Português (Pires, 2007).

O Português tem sido uma língua de situações especiais, restringindo-se muitas vezes a conjunturas formais, sendo que a percentagem do seu uso não atinge os 20% dos atos comunicativos do quotidiano, ou seja, 80% da comunicação da população no seu dia-a-dia é realizada em Crioulo¹ de Cabo Verde (Veiga, 2004).

Através da observação do quotidiano e pela prática clínica, verifica-se que o acesso formal à língua portuguesa acontece em algumas instituições de ensino infantil (jardim infantil e pré-escolar), devido às condições socioeconómicas da população. Entretanto, Veiga (2004) refere que a entrada no 1º ciclo das crianças cabo-verdianas coincide com o início do contato oficial com a língua portuguesa, logo o acesso formal à língua portuguesa acontece a partir do primeiro ano de escolaridade.

A língua cabo-verdiana é um Crioulo de base lexical portuguesa europeia, tendo sido esta a língua dominante que esteve na origem da formação do crioulo e que lhe forneceu a maioria do seu léxico. Esta assemelha-se à norma do Português Europeu por meio da forma fónica do seu léxico, e difere do mesmo na sua estrutura morfológica, sintática e semântica (Pereira et al., 2007).

Segundo a literatura pesquisada (Pereira, 2006) e pela pesquisa feita no quotidiano, observa-se que em Cabo Verde dentro da própria língua existem duas variantes do Crioulo (Variante de Santiago e Variante de São Vicente). Os estudos feitos recaem, na sua maioria, sobre a Variante de Santiago.

As pesquisas realizadas demonstram que existem duas variações dentro da própria Variante de Santiago: Variante basilectal – Crioulo fundo e Variante acrolectal – Crioulo leve (Pereira, 2006). O crioulo fundo remete ao crioulo raiz; já o crioulo leve remete ao crioulo com algumas influências do português.

O Crioulo de Cabo Verde possui algumas propriedades idênticas ao Português Europeu: as frases marcadas obedecem a um padrão sujeito-verbo-objeto. Em Português ou no Crioulo Cabo-verdiano, o sintagma verbal tem como elemento nuclear o verbo, que pode ser associado a unidade à direita ou à esquerda (Reis, 2011). No entanto, existem diferenças entre as duas línguas: por exemplo no Crioulo Cabo-verdiano, o sujeito é constituído por pronome pessoal; o

¹ Nesta investigação, sempre que surgir a palavra Crioulo, a investigadora está a referir-se ao crioulo de Cabo Verde.

verbo não é flexionado, mas existem diversas partículas para exprimir os vários tempos e valores aspectuais; a negação é, em grande parte das variantes, expressa pela partícula *Ka* (Reis, 2011). Como vimos, existem semelhanças e diferenças entre a língua portuguesa e a língua crioula de Cabo Verde (Cardoso, 2005) e, na pesquisa realizada e na prática clínica, não foi encontrado nenhum estudo sobre a aquisição do Crioulo como língua materna, pelo que não existem os respetivos marcos do desenvolvimento.

Segundo Mousinho et al., (2012) o período entre o 0-36 meses é considerado primordial para o desenvolvimento linguístico da criança. Logo, o acompanhamento do desenvolvimento da linguagem infantil deve ser feito desde o nascimento, a fim de evitar que quaisquer exposições a fatores de riscos possam afetar diretamente este processo.

A escolha do tema dá-se pela não existência de testes validados em Cabo Verde na língua crioula, para a aquisição da linguagem em crianças no Crioulo, bem como na falta de consenso nas escolhas dos testes utilizados na avaliação da linguagem por parte dos profissionais (i.e., terapeutas da Fala ou fonoaudiólogos). Essa falta de consenso decorrerá, eventualmente, de experiências e conhecimentos diferentes, adquiridos nos países e Universidade em que se formaram. Segundo o registo técnico na Entidade Reguladora Independente da Saúde (ERIS, 2024), dados de fevereiro de 2024, Cabo Verde possui 14 fonoaudiólogos, e uma terapeuta da fala. Estas divergências influenciaram a escolha de um instrumento em Português Europeu para adaptação, objeto de estudo deste trabalho.

O tema proposto para esta investigação será a tradução e adaptação cultural e linguística do Teste de Avaliação da Linguagem na Criança (TALC) (Sua-Kay & Tavares, 2011) com a base no Crioulo da Variante de Santiago. Optou-se pela adaptação de um instrumento já validado, por ser uma via mais rápida de obter o primeiro instrumento de avaliação de linguagem para o crioulo de Cabo Verde, e por precisar de menos recursos para tal. É um instrumento que já possui conceitos e formas de medida definidos e, com a possibilidade de ser aplicado em contextos diferentes.

De entre os instrumentos de avaliação da linguagem existentes na literatura optou-se por um instrumento europeu devido à proximidade entre as duas línguas (Crioulo e Português), por meio da forma fónica do seu léxico. E face aos instrumentos europeus encontrados na literatura, foi escolhido o TALC, por ser um teste cujo objetivo é a avaliar a compreensão e a expressão da linguagem em crianças dos 2 anos e 6 meses aos 5 anos e 11 meses, sendo um intervalo importante para as crianças de Cabo Verde, uma vez que o processo de aquisição e aprendizagem se dá de forma natural e na sua grande maioria na língua materna – Crioulo.

Desta forma, espera-se que a aplicação do TALC em crianças dos 2 anos e 6 meses aos 5 anos e 11 meses permita identificar crianças que funcionam abaixo dos seus pares relativamente à compreensão e expressão da linguagem, assim como áreas específicas fortes e fracas. Permitirá ao profissional identificar a possível área específica de intervenção.

A escolha da variante a ser utilizada na investigação, foi influenciada pela situação geopolítica da língua, uma vez que a ilha de Santiago é a maior de todas, na qual se encontra localizada a capital do País. Esta variante é falada por mais da metade da população².

Esta investigação terá uma contribuição muito positiva para o setor da fonoaudiologia/terapia da fala em Cabo Verde, pois irá contribuir para uma melhor avaliação e intervenção na área da linguagem e, no futuro, poderá constituir uma base para a identificação de marcos de desenvolvimento da linguagem na língua crioula.

1.1. Aquisição e desenvolvimento da linguagem

A linguagem, vista e compreendida de modo amplo, constitui-se como uma expressão do nosso ser e pode ser manifestada por diferentes formas, não apenas pela oralidade e escrita, mas também pelo corpo, por sinais, por códigos, por imagens, pela voz, pelos gestos e pelo olhar (De Oliveira & Goulart, 2017), sendo essencial a interação entre o desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo (Papalia, Olds & Ruth, 2006). O desenvolvimento aprimorado das competências comunicativas das crianças é considerado a base para uma comunicação bem-sucedida ao longo da vida (Buckley, 2003). Corroborando estes autores, Alves (2019) afirma que o desenvolvimento linguístico ocorre de uma forma natural e espontânea, sem a necessidade de qualquer ensino formal. É este desenvolvimento linguístico que permite aos falantes compreenderem e produzirem enunciados, através da percepção/compreensão e produção/expressão.

Segundo a *American Speech-Language-Hearing Association - A.S.H.A - (1982)*, "A linguagem é um Sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionais que é usado em vários modos de pensamento e comunicação (Tradução Livre)"³. Autores como Brock & Rankin (2010) e Neaum (2012) definem a linguagem como a base da comunicação, da aprendizagem e da construção das

² Para esta caracterização, as fontes são: "Documento de Estratégia de Crescimento e Redução da Pobreza -II." Direção Geral do Planeamento do Ministério das Finanças e Administração Pública. Maio 2008; INE. Quibb 2006; e Perspetivas Económicas nas África. OCDE. 2009.

³ "Language is a complex and dynamic system of conventional symbols that is used in various modes for thought and communication" (p. 1).

relações interpessoais, sendo fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Já segundo o Dicionário Terminológico de Terapia da Fala (2020), a Linguagem é definida como um “sistema de comunicação complexo dos símbolos convencionados e das suas combinações, de uma língua, com o intuito de comunicar e pensar”.

Sim-Sim (2008) descreve esse sistema complexo remetendo a estrutura constituída pelos sons e palavras (unidades discretas) e pelos princípios e regras que orientam a sua combinação e ordenação; os símbolos são convencionados, uma vez que constituem representações do real que são partilhadas, num contexto específico, por determinado grupo social; as modalidades compreendem as vertentes oral e escrita da linguagem. A mesma remete-nos para a importância da linguagem ao referir: “Se é verdade que a linguagem é um produto da evolução da espécie humana, não é menos verdade que é também fator e motor de desenvolvimento do homem”.

De facto, a mesma autora refere que a conjugação das capacidades inatas/condições ambientes são pré-requisitos para o desenvolvimento linguístico, bem como a importância da hereditariedade e do meio onde a criança se encontra inserida para o seu desenvolvimento. Aponta como o “período crucial” a infância (até a puberdade), por ser um período por excelência, em que sem que seja ensinada, a criança está predisposta a aprender o sistema linguístico, bastando que a mesma esteja inserida em uma comunidade linguística. E este “período crucial” não é mais do que o período da maturação neurológica.

A A.S.H.A. (1982) refere que alguns pontos de vistas contemporâneos sobre a linguagem humana sustentam: a) a importância dos contextos históricos, culturais e sociais específicos para o desenvolvimento da linguagem, ou seja, esta se desenvolve dentro destes contextos. b) que os fatores biológicos, cognitivos, psicossociais e ambientais determinam a aprendizagem e o uso da linguagem; c) que o uso efetivo da linguagem para a comunicação requer uma larga compreensão da interação humana, incluindo os fatores a ela associados como os aspetos não-verbais (para e extralinguísticos), a motivação e os papéis sociais.

A linguagem é constituída por 5 subsistemas: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e a pragmática. Os autores Smiley & Goldstein (1988), Puyuelo (2003) e Bochner & Jones (2005) apresentam a definição desses 5 subsistemas, os quais devem ser vistos no seu conjunto como um todo e não de forma isolada. Os mesmos autores definem a fonologia quanto ao sistema de sons e às regras que orientam a sua combinação, isto é, constitui a forma da linguagem. Indica a possibilidade de ocorrência de sons, as sequências sonoras que são aceitáveis na língua e quais

são os sons e as suas possíveis combinações que podem ocorrer nas várias línguas. Já as regras que governam o uso das unidades mínimas com significado mínimo, os morfemas- dizem respeito à morfologia. Por sua vez, a semântica é a responsável pela atribuição de significado às palavras e à combinação das mesmas, sendo considerada o sistema referente ao conteúdo da linguagem. Por último, a pragmática refere-se ao uso da linguagem e visa a sua adequação ao contexto da comunicação.

Ao longo dos tempos, têm vindo a ser apresentados vários pontos de vista sobre a aquisição da linguagem das crianças. Este trabalho insere-se na compreensão de dois pontos-chave nesse processo de aquisição: Primeiro, a criança nasce com a capacidade inata de adquirir a linguagem e a segunda, diz respeito a influência do meio social, permitindo que a linguagem seja adquirida. Segundo Hoff (2005) & Dockrell et al., (2009), a nível neurobiológico é necessário o conhecimento do próprio desenvolvimento cerebral, resultante de fatores genéticos e ambientais. Quanto à interação verbal, destacam-se como relevantes todos os ambientes humanos onde a criança tem a oportunidade de vivenciar experiências comunicativas. Os mesmos autores relatam que, para que o desenvolvimento linguístico da criança seja adequado, esta necessita que o enfoque do input linguístico recebido seja dado pela natureza e qualidade do mesmo e não na quantidade oferecida, a fim de causarem um impacto significativo no desenvolvimento da linguagem oral. Logo, a linguagem que os adultos utilizam com as crianças nas suas interações comunicativas é de extrema importância para um bom desenvolvimento linguístico.

O desenvolvimento linguístico tem a sua origem desde o nascimento da criança e através do meio em que está inserida e dos adultos/família em particular, vai progredindo, de forma gradual. Segundo Sim-Sim (2008), a aquisição da linguagem é um processo que ocorre via exposição e que não necessita de um mecanismo formal de ensino. O seu desenvolvimento apresenta marcos que ocorrem previsivelmente, em todas as crianças, na mesma idade, para além de existir uma ordem sequencial previsível. Para que tal aconteça, é necessário que as crianças estejam inseridas num meio linguístico-cultural e tenham a oportunidade de vivenciar experiências. As variações individuais existem apesar dos períodos cruciais e fazem parte do processo do desenvolvimento.

Para a fase inicial do desenvolvimento da linguagem, é essencial que o bebé, ao longo do primeiro ano de vida, adquira um conjunto de competências relacionadas com aspetos socio afetivos que servirão de base para a sua autoconfiança e evolução linguística (Rigolet, 2006). O

desenvolvimento das competências linguísticas contribui para o desenvolvimento de outras aptidões, como a autonomia, a socialização e o sentido de responsabilidade e constitui uma ferramenta para a integração da criança na comunidade (Silva, 2014).

A ideia do Período Crítico para aquisição da Linguagem tem sido discutida por vários autores (Rosa, 2010; Grolla e Figueiredo Silva 2014; Quadros 2008; Santana 2004; Scarpa 2001) e praticamente todos partem do que Lenneberg (1967) desenvolveu, correlacionando o processo de aquisição da linguagem a outros processos biológicos para as quais há um período sensível de desenvolvimento. Lenneberg (1967) apontava para um Período Crítico de aquisição da linguagem que coincide com o processo de lateralização do cérebro, onde cada hemisfério passa a dedicar-se a um conjunto de funções e a linguagem começa a desenvolver-se quando parte considerável desse processo já ocorreu ou está em processo. Esse período crítico tem início aos dois anos de idade e vai até a puberdade, período esse que a faculdade da linguagem é mais evidente. Em contrapartida, Mousinho et al., (2012) afirma que é de extrema importância o acompanhamento do desenvolvimento da linguagem infantil desde o nascimento, pois o período entre o 0 e 36 meses é considerado primordial para o desenvolvimento linguístico e qualquer exposição a fatores de risco e/ou proteção podem afetar diretamente este processo.

Asaridou et al. (2017), na sua investigação, abordam a importância da exposição ao uso da linguagem no primeiro ano de vida. Referem a influência dessa exposição nos circuitos neurais no período pré-verbal, com impacto no desenvolvimento do vocabulário durante os primeiros anos de vida, associado ao sucesso académico posterior.

Os três primeiros anos de vida da criança constituem uma etapa do desenvolvimento caracterizada por aquisição de novas funções e habilidades e pela plasticidade cerebral. Nessa fase, ocorrem grandes avanços nas áreas motora, cognitiva e social, assim como no domínio da linguagem, que são essenciais para o desenvolvimento global e a aprendizagem da criança (Carniel et al., 2017).

Apesar de existirem diferenças nos comportamentos linguísticos entre o Português Europeu e o Português do Brasil (por pertencerem a comunidades linguísticas distintas), e mesmo por não existirem ainda normas/regras face às suas comunidades individualmente e nem na comunidade cabo-verdiana, a aquisição das competências linguísticas parecem ser idênticas. Recorrendo à literatura internacional, segundo Carniel et al., (2017) aos 3 anos: é possível entender a mensagem que a criança transmite na totalidade, no entanto só é compreensível 50% a 60% do que ela diz pela existência de alterações na morfologia, sintaxe e fonologia, que fazem

parte do processo de aquisição. Aos **4 anos**: Inventa histórias. Entende regras e jogos simples e aos **5 anos** (95% a 100% é inteligível): fala frases completas corretamente.

Outros estudos, como o de Kuhl (2010) referem a existência de diferentes janelas temporais para a aprendizagem dos diferentes subsistemas da linguagem. Para a aprendizagem da fonologia seria entre o nascimento e o final do primeiro ano, enquanto para o desenvolvimento sintático seria entre os 18 e 36 meses de idade. Para o vocabulário(semântica) haveria um importante marco de “explosão lexical” aos 18 meses de idade, mas a aquisição ocorre durante toda a vida. De todos os subsistemas da linguagem, a fonologia é a que atinge níveis de maturidade mais cedo, uma vez que por volta dos três/quatro anos a criança já é capaz de discriminar os sons pertencentes à sua língua materna e aos cinco/seis anos de idade espera-se que a mesma seja capaz de dominar todos os fonemas do sistema fonético da sua língua materna (Sim-Sim, 1998).

1.2 Aquisição da língua materna

O termo língua é usado com vários sentidos e as definições dadas pelos linguistas, muitas vezes, não coincidem. É definido como um sistema linguístico abstrato que, por razões políticas, económicas e sociais, adquiriu independência tanto funcional como psicológica para os seus falantes, mas do ponto de vista histórico está relacionado com a noção do dialeto, não pela diferença linguística entre língua e dialeto, mas sim pela diferença de estatuto: o dialeto é sempre uma variedade de um determinado sistema linguístico reconhecido oficialmente como língua (Ferreira et al., (1996).

Aprende-se a falar uma determinada língua, por meio da audição da mesma e sobretudo, falando uma determinada língua num contexto determinado, por exemplo, através de trocas efetuadas no seio familiar com modelos e sanções na qual ocupa uma determinada posição no espaço social (Reis, 2011).

No ramo da linguística, sociolinguística e da didática das línguas, tem sido utilizado com frequência o conceito de Língua Materna (LM), cuja designação é de Língua Primeira (L1), opondo-se aos conceitos de Língua Segunda (L2) e Língua Estrangeira (LE), conceitos esses que, até aos anos 70, foram tidos como sinónimos (Reis, 2011). Questiona-se se a língua materna é aprendida ou adquirida pelo indivíduo e, para uma melhor compreensão, faz-se necessário a definição sobre a LM.

A literatura apresenta várias teorias na tentativa de definir a LM, sendo uma delas apresentada por Matos (1998). A autora diz que um dos critérios utilizados na identificação da LM se relaciona com as formas de aquisição, sendo esta adquirida de forma natural, através de contato com outros locutores do seio familiar e social na qual está inserido e interage, ou seja, a criança não tem a consciência de estar a adquirir a língua; possui uma apropriação natural sem necessidade de apoio pedagógico.

Em 2003, Marques vem contra-argumentar esta definição, afirmando que a criança beneficia de múltiplos apoios e ajudas no processo de aquisição de L1, por meio de correções, repetição e repreensão, muito próximos do ensino formal e de não ser a única a ser aprendida naturalmente. Por outras palavras, qualquer criança que esteja num meio linguístico diferente daquele em que adquiriu a sua L1 pode, em pouco tempo, desenvolver competência linguística igual à do falante nativo, numa língua a que ele esteja exposto por um período considerável.

Segundo Pires (2007) a LM (L1) é aquela que foi adquirida de forma natural, num ambiente informal como primeiro instrumento de comunicação e é adquirida com certa afetividade. Em contrapartida, a L2 é uma língua que, não sendo materna, beneficia de um estatuto privilegiado, em virtude de ser a língua oficial ou língua veicular numa comunidade, sendo a LE (língua estrangeira), aquela que é ensinada de forma deliberada, a partir de uma idade pré-estabelecida da criança e em instituições próprias (Pires, 2007).

Almeida Filho, citado por Bezerra da Maia (2009) refere, sobre a língua materna, que “é uma língua que se presta à comunicação ampla desde casa, passando pela rua até à escola e os meios culturais. É a língua que constitui a identidade pessoal, regional, étnica e cultural da pessoa.”

Tendo como exemplo a situação sociolinguística de Cabo Verde, na qual as crianças nascidas em Portugal e que regressaram para Cabo Verde ou até mesmo aquelas que permaneceram fora do país, acredita-se que essas crianças apresentam uma capacidade enorme e rapidez na aquisição da língua cabo-verdiana.

No âmbito do domínio das línguas, torna-se necessária a compreensão quanto à diferença entre aquisição e aprendizagem, uma vez que, segundo alguns autores, são processos diferentes, mas voltados para o mesmo objetivo, isto é, para o desenvolvimento da competência de falante.

Face a questão da língua materna, se o indivíduo aprende ou adquire o idioma, Krashen (1982) opõe a aquisição à aprendizagem, isto é, a aquisição diz respeito à comunicação do falante sem estar consciente das regras gramaticais em situações reais no emprego da linguagem, sendo um desenvolvimento linguístico que acontece gradualmente. Krashen (1982) defende que a

aquisição é um processo que ocorre num ambiente informal de forma natural, como usado pelas crianças que adquirem a língua materna. Por oposição, o processo de aprendizagem de uma língua procede de forma consciente com um aglomerado de conhecimentos do vocabulário e da gramática.

Chomsky (1978) afirmava que a criança nasce com uma predisposição biológica para aprender a língua materna e esta é adquirida no seio do meio social a qual a criança se encontrava inserida. Para Bakhtin (2004) citado por De Oliveira & Goulart (2017), o processo de assimilação da língua materna é um processo de integração, que ocorre de forma progressiva por meio da comunicação verbal. A criança sente a necessidade de utilizar as palavras para comunicar fazendo perguntas, manifestando sua curiosidade em conhecer o nome das coisas e objetos. Tenta, de maneira ativa e dinâmica, apreender os signos vinculados ao objeto, ou seja, sua finalidade de uso. Quando isso ocorre, a criança parece ter descoberto a função simbólica das palavras, não precisando mais apontar o que quer, pois poderá falar o nome do objeto. Segundo Ferreira et al., (1996) a língua viva que usamos está sujeita a fatores de mudança, a nível fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical.

Sendo assim, e concordando com a definição de Reis (2011) “a LM é a língua de pertença de um povo, isto é, a língua de expressão da identidade cultural. Aquela na qual o indivíduo aprendeu os primeiros sons e que acompanhou o seu processo de socialização”.

Segundo Merlan (2009), referindo-se ao Mirandês, existem vários fatores que influenciam ou favorecem a substituição parcial de uma língua vernácula:

- a. Fatores socioeconómicos e demográficos, como a imigração e a baixa natalidade;
- b. Fatores sociopsicológicos, como estigma, a evolução negativa do próprio idioma, a consciência linguística difusa dos mirandeses e a relutância dos pais face ao bilinguismo;
- c. Fatores socioculturais, como o sistema educativo, os meios de comunicação audiovisuais, a falta de prestígio da língua vernácula e a inexistência de uma variante escrita e uma tradição literária

Ao longo dos séc. XX e XXI, sobretudo nas últimas décadas, muitas línguas e variedades linguísticas em situações minoritárias sofreram uma forte regressão social. Uma das medidas preventivas mais importantes para garantir a preservação dessas línguas, foi a oficialização de tais línguas e variedades, que existem em vários estados europeus, como a Espanha e Portugal, aplicada nas décadas de setenta e oitenta do século passado (Merlan, 2009).

Alguns estados atualmente, são considerados bi ou plurilingues (com dois ou mais línguas oficiais em todo território nacional); outros são monolíngues, mas com línguas minoritárias como cooficiais nas regiões onde são nativos (Merlan, 2009).

Para que uma língua minoritária sobreviva, segundo o mesmo autor, é importante que se tenham atitudes positivas e o desejo da sua preservação. Estes fatores influenciam de forma positiva o futuro desta língua. Numa era de globalização, o monolíngüismo na língua minoritária já não é a solução para a sua sobrevivência, mas sim o bilingüismo, a coexistência da língua minoritária ao lado da língua maioritária. Dando como exemplo o Mirandês, e para que a língua sobreviva, refere o autor que é necessária a sua reprodução intergeracional (como a primeira língua) no seio familiar e implementar políticas linguísticas ativas e eficazes para dignificar e normalizar esta língua minoritária (Merlan, 2009).

Em Cabo Verde, a realidade sociolinguística é caracterizada pela socialização primária, por meio da aquisição e uso do Crioulo como língua materna, bem como pela socialização secundária, onde é marcada pela aprendizagem do Português como segunda língua. A socialização também é desenvolvimento do sentimento de pertença, e na pessoa do aluno vai-se construindo uma representação da sua identidade (Reis, 2011). Mesmo a língua portuguesa, sendo a língua oficial do ensino em Cabo Verde e a única língua escrita do país, os alunos começam a escolaridade básica sem terem grandes exposições à mesma e o pouco contato realiza-se através da rádio, da televisão, uma vez que em casa não existe o hábito de falar e ouvir o Português (Pires, 2007).

1.3 A língua crioula de Cabo Verde

1.3.1. A evolução da língua crioula de Cabo Verde

Segundo Dulce Almada Duarte no prefácio de *Diskrison Strutural di Língua Kabuverdianu* de Manuel Veiga (1982) «... não se pode separar a língua da sociedade em que ela nasceu (dada a sua função eminentemente social). A dicotomia língua/sociedade tem de ser vista, no caso especial dos Crioulos, dentro da relação dominador/dominado que caracterizou a experiência vivida pelos escravos e seus descendentes. Dentro dessa relação de tipo etnocentrismo, o dominador falava uma língua, o dominado um dialeto. A língua era o símbolo de uma cultura, de uma civilização, de um passado de glória, ao passo que o dialeto era o modo de comunicação de povos “incultos” e “incivilizados” ou o resultado da incapacidade de povos atrasados assimilarem corretamente uma língua de cultura e de civilização.»

Os Crioulos (já que existe mais do que um) são línguas naturais, de formação rápida, criadas pela necessidade de expressão de comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilingues estáveis. Devido a pouca funcionalidade das suas línguas maternas, recorrem ao modelo imposto, embora pouco acessível, da língua socialmente dominante juntamente com o seu saber linguístico para construírem uma forma de linguagem simples, de uso restrito mas eficaz – o *pidgin* (Pires, 2007). Esta é expandida lexicalmente e gramaticalmente complexificada, principalmente pelas novas gerações que a adquirem como língua materna, dando origem ao Crioulo (Pires, 2007).

Os Crioulos de base lexical portuguesa estão ligados à expansão marítima portuguesa em África e na Ásia, tendo resultado do contato entre o português e diferentes línguas africanas e asiáticas. Os Crioulos de base lexical portuguesa surgidos em África distribuem-se por dois grupos que surgiram de forma independente: os Crioulos da Alta Guiné (sendo um deles o Cabo-verdiano, falado em Cabo Verde) e os Crioulos do Golfo da Guiné (Cardoso et al., 2015).

O Crioulo, língua materna do povo cabo-verdiano, surgiu da fusão de duas línguas: Português Europeu e língua africana, que chegaram ao arquipélago de Cabo Verde, aquando do seu povoamento, a partir de 1462 (Pires, 2007) em Santiago e no Fogo, as primeiras ilhas povoadas e colonizadas com europeus e escravizados vindos da costa ocidental da África (Pereira et al., 2007)

Para uma melhor explanação, por necessidade de comunicação e conveniência de colonização, os senhores europeus portugueses e as escravas africanas, envolveram-se em grande escala, da qual resultou uma acentuada miscigenação racial e cultural (Reis, 2011). Consequentemente, estavam criadas as condições para a criação de um novo código linguístico: o Crioulo Cabo-verdiano (Reis, 2011).

Na origem do Crioulo Cabo-verdiano encontram-se as línguas faladas pelas etnias mandinga, papel e jalofa, mais a variedade dialetal do português falado no Algarve, de onde foram enviados os primeiros colonos para a ilha de Santiago (a maior ilha do país, onde está localizada a atual cidade capital) (Pires, 2007).

Pereira (2004) citado por Reis (2011) diz-nos que no século XVII já havia a perceção clara do Crioulo como uma realidade linguística diferenciada e autónoma em relação à língua portuguesa. As fases do povoamento no arquipélago aconteceram em modos e momentos distintos, principalmente entre a primeira e a última fase, e da organização geográfica do arquipélago

fizeram com que existisse uma variação dialetal acentuada, a nível lexical, fonético e mesmo morfossintático (Pereira, 2006).

Cabo Verde, por ser um arquipélago constituído por 10 ilhas das quais 9 são habitadas, o seu povoamento aconteceu em épocas diferentes e existem algumas teorias em volta da língua. Ao sul, em Sotavento, temos as ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava. Mais a norte, temos as ilhas de Barlavento: Boa Vista, Sal, São Nicolau, Santa Luzia (deserta), São Vicente e Santo Antão (Pereira et al., 2007). O povoamento foi iniciado (em 1462) na ilha de Santiago (considerada a ilha maior, onde atualmente se encontra sedeada a capital do País, cidade da Praia) e logo de seguida no Fogo e depois na Brava (Santos; Torrão; Soares, 2007). No séc. XVII foram povoadas as ilhas de Santo Antão e São Nicolau, ambas localizadas no Barlavento, sendo povoadas com pessoas oriundas do Sotavento: Santiago e Fogo. Em contrapartida na ilha de São Vicente, o povoamento aconteceu somente a partir de finais do séc. XVIII (Pereira et al., 2007).

A distância temporal entre as fases do povoamento do arquipélago (primeira e a última) e o modo como este foi feito fizeram com que houvesse uma variação dialetal acentuada, nomeadamente entre as ilhas de Santiago e de São Vicente (Pereira, 2006).

Alguns estudiosos afirmam que Cabo Verde possui uma língua com duas variantes: A de Barlavento, representada pela ilha de São Vicente; e a de Sotavento – representada pela ilha de Santiago – a maior ilha, onde se localiza a capital e é falada por mais da metade da população do País (Pereira, 2006). Outros afirmam que existe um Crioulo com várias variantes, sendo que cada ilha terá a sua e variações internas em cada ilha, resultado principalmente da influência da língua portuguesa sobre o Crioulo (Quint, 2000a, 9-14; Vieira Semedo, 2017; Moreira, 2020). Nessa perspetiva, podemos falar de variedades acrolectais, com maior influência da língua portuguesa, comuns nos falantes urbanos mais escolarizados, e variedades basilectais, que se mantêm com menos influência da língua portuguesa, sendo praticadas por falantes rurais e menos escolarizados (Quint, 2000a, 9-14; Vieira Semedo, 2017; Moreira, 2020) e outros ainda apontam a existência de variantes em dois aspetos fundamentais: sociolinguístico e linguístico (Pereira, 2006).

No quotidiano, os cabo-verdianos, segundo Pereira (2006), admitem que essas duas grandes variedades geográficas influenciam na apresentação da língua crioula, com variantes ao nível lexical, fonético e mesmo morfossintático. Os mesmos apontam ainda a existência de dois tipos de Crioulo: um Crioulo fundo (variedade basilectal) e um Crioulo leve (variedade acrolectal) (Pereira, 2006)

De acordo com Pereira et al., (2007), durante muitos anos, o Crioulo era considerado um português malfalado e desregrado, sem estrutura, sem gramática, não sendo capaz de imitar o português e nem transmitir ideias abstratas, logo não poderia ser estudado nem ensinado nas escolas, chegando a ser proibido em lugares públicos.

Apesar do Crioulo ser falado em 80% do quotidiano de todos os cabo-verdianos, por ser a LM, esta ainda não tem estatuto de Língua oficial, por não existir uma normalização da variedade para servir de norma e a criação de meios de fixação e difusão dessa variedade (Pereira et al., 2007). Para tal contribuíram vários fatores. Não só lhe foi atribuído estatuto subalterno na época colonial, em que chegou a ser proibida nos lugares públicos, como também a imagem que a comunidade crioula tem de que a sua língua é excessivamente variável e de difícil descrição e de que a adoção de uma das variedades em detrimento das outras poderia ser mal-aceite socialmente (Pereira et al., 2007). Além disso, existem poucos recursos didáticos para o ensino da língua, o que dificulta ainda mais a introdução da mesma no ensino formal, diferentemente da língua portuguesa, que dispõe de manuais didáticos para diversos anos de escolaridade (Semedo, 2021).

1.3.2. O Crioulo de Cabo Verde escrito e falado

Em termos administrativos constata-se que, do ponto de vista linguístico, toda a documentação utilizada encontra-se escrita em Português, mas o funcionamento dos mesmos na oralidade, no quotidiano, decorre em Crioulo, uma vez que ninguém fala Português nos serviços públicos, com exceção das salas de aulas. Mas esse Crioulo, não pode ser considerado puro, já que versa sobre a produção de outrem feita em Português, cujo objetivo é facilitar a sua utilização (Reis, 2011).

Na Assembleia Nacional é verificado, com o passar do tempo, o aumento da frequência das intervenções em Crioulo e nos registos das intervenções nas atas dos encontros parlamentares usa-se o Alfabeto Cabo-Verdiano (Reis, 2011).

Em 1993, foi criada uma comissão nacional de natureza governamental para a padronização do alfabeto, em que a mesma apresentou uma proposta de um Alfabeto Unificado Para a Escrita do Crioulo (ALUPEC) e, a sua oficialização a título experimental aconteceu em dezembro de 1998, por um período de cinco anos (Pires, 2007).

Este alfabeto com características fonológicas e com representação etimológica das consoantes palatais tem uma base latina, composto por 23 letras e 4 dígrafos, com a seguinte ordem de apresentação (Sanches, 2005 e Pires, 2007):

Tabela 1 – Representação gráfica do ALUPEC (1998)

A	B	D	DJ	E	F	G	H	I	J
K	L	LH	M	N	NH	Ñ	O	P	R
S	T	TX	U	V	X	Z			

O Decreto-Lei nº8/2009 apresenta a proposta de um alfabeto oficial para o Crioulo, que passou a ser designado de Alfabeto Cabo-verdiano (ACV), sendo descendente direto do ALUPEC. Este alfabeto é composto por vinte e quatro letras e quatro dígrafos. Segundo a proposta dos participantes da Mesa Redonda, o ACV deveria ter o mesmo número de letras que o ALUPEC. A letra "Y" (que representa a conjunção copulativa "e" do português) deveria ser substituída pela letra "I", evitando a existência de duas letras para representar o mesmo som.

Tabela 2 – Representação da composição gráfica do ACV de 2009

A	B	D	E	F	G	H	I	J	K
L	M	N	Ñ	O	P	R	S	T	U
V	X	Y	Z	DJ	LH	NH	TX		

A representação gráfica da nasalidade das vogais e consoantes na Língua Crioula, foi selecionada através da indicação de um n. Ao se tratar de vogais, este n segue-se à letra que representa a vogal (ex., (1) un art. "um"; (2) bem adv. "bem"; (3) barakon s. "barração". No das consoantes, antecede a letra representativa da consoante (ex., ndoxa v. "tornar doce") e quando se trata de uma transição silábica globalmente nasal, basta um n entre os caracteres que representam a vogal e a consoante para indicar a nasalidade desta transição (ex., tinta s. "tinta")

O consonantismo conhece 17 fonemas consonânticos orais e 3 nasais, mas existe em princípio na língua para cada consoante oral uma (pré-)nasalizada que lhe corresponde.

Tabela 3 – Inclusão do traço de nasalidade

Vocabulário em Crioulo	Significado em português
npára	v. "apanhar"
nbárka	v. "emigrar"
nsoda	v. "estar desconcentrado"
ndoxa	v. "tornar doce"
Kebra-ndjudjum	s. "pequeno-almoço"

Legenda: exemplos de palavras que começam com uma consoante nasalizada

Igual ao português, o Crioulo tem um acento de palavra que incide normalmente sobre a penúltima sílaba das palavras que terminam em vogal, podendo incidir também sobre a última sílaba quando a palavra termina em consoante, e, mais raramente sobre a antepenúltima sílaba, em especial em palavras importadas (Pereira et al., 2007).

Em Cabo Verde, além da língua portuguesa ser considerada a língua oficial de ensino, da administração pública etc., a única língua escrita do país, também encontramos nos currículos escolares de ensino pré-escolar, básico (a partir do 5º ano de escolaridade) e secundário outras línguas, como francês e o inglês que são ensinadas como línguas estrangeiras (decreto-lei nº 2/2010). Já no 10º Ano de escolaridade, no ensino secundário existe uma disciplina de Cultura Cabo-verdiana, onde os alunos estudam a origem e a evolução da língua, sem referenciar a estrutura e a funcionalidade e, não a própria língua, bem como não abordam nenhum item relacionado com a grafia da língua (Reis, 2011).

Entretanto, 90% das crianças em idade escolar básica quando vão ingressar no ensino básico, irão ter contato formal com a língua portuguesa pela primeira vez na escola. Isto significa que os alunos começam a escolaridade básica sem terem grande exposição à língua portuguesa. O contato que têm vem através da rádio ou da televisão, uma vez que no seio familiar a língua predominante é o Crioulo e não há o hábito de falar e ouvir Português (Pires, 2007).

É de extrema importância uniformizar a ortografia e começar a ensinar as regras e normas da gramática e da ortografia do Crioulo aos cabo-verdianos para que o aceitem como língua possível de escrita, de leitura e não somente língua de oralidade. Amílcar Cabral⁴, foi uma figura destacada do século XX. A sua liderança incentivou a mobilização popular contra o colonialismo português, disse que "... se nas nossas escolas ensinarmos aos nossos alunos como é que o Crioulo vem do português e do africano, qualquer um saberá português muito mais depressa. O Crioulo prejudica quem aprende português, porque não sabe qual a ligação que há. Isso não facilita aprender português" (in Pires, 2007).

A língua crioula encontra-se nesse processo polémico de oficialização e tudo aponta para que seja eleita uma das variedades de Santiago (a maior ilha e a mais povoada, em que está sediado o poder político). Embora o Crioulo de Cabo Verde seja a língua materna dos cabo-verdianos, pois é aquela que é adquirida de forma natural desde o berço, no seio familiar, em que através dela

⁴ Amílcar Cabral – Poeta, agrónomo e fundador do PAIGC (Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo Verde). A sua liderança incentivou a mobilização popular contra o colonialismo português, defendendo os ideais de libertação das colónias africanas. É considerado o pai da nação, herói nacional de Cabo Verde.

expressamos os nossos sentimentos, a nossa vivência do dia-a-dia, estabelecendo uma relação de pertença e identidade cultural, o Português continua a ser designado como a língua de ensino, de acesso literário e bens sociais e com a liberdade de ser falada em espaços públicos (Pereira 2006).

Cardoso (2005) desenvolveu uma investigação com o objetivo de realizar uma abordagem sobre a gramática da língua cabo-verdiana nos subsistemas morfossintáticos, semânticos e fonológicos.

1.3.3. Morfossintaxe do Crioulo de Cabo Verde

Nos resultados de Cardoso (2005) sobressai o princípio da não concordância, e ainda orientações sobre informações morfossintáticas de número, género ou sobre tempo sejam minimizadas na língua.

Os substantivos no Crioulo de Santiago não variam em dependência de casos ou géneros gramaticais. A função sintática de um substantivo é clarificada ou pela posição deste ou por meio de preposições. O sexo feminino de um referente pode ser expresso por formas especificadoras ou de forma neutra que podem referir-se a ambos os sexos: ex., "bunita" adj. Bonita (de uma rapariga ou mulher) ou "bunitu" a forma neutra. Também pode ser referido por meio de atributos: *matxu* para o sexo masculino e *fêmea* para o sexo feminino, quando estes dependem automaticamente do contexto ou da situação exposta: ex., fidju mátxu "filho", fidju fémea "filha" (Lang, 2001).

Para formar o plural acrescenta-se a terminação: -s às palavras que terminam em vogais; -is às palavras que acabam em consoante e -s ou -sis aquelas que terminam em vogal nasal.

Tabela 4- Exemplos de inclusão do marcador de plural/género segundo a terminação das palavras

Terminação em vogal		Terminação em consoante		Terminação em vogal nasal	
singular	Plural	singular	Plural	singular	Plural
Kusa = coisa	Kusas= coisas	Kudjer = colher	Kudjeris = colheres	Armun= irmão	Armuns/armunsi s = irmãos

Legenda: Terminação /s/ representando o plural

O morfema do plural é usado apenas uma vez no sintagma, geralmente na primeira palavra que permite flexão (artigo, nome, demonstrativo). Seguem os exemplos:

Tabela 5 – Exemplos de utilização do plural no Crioulo de Cabo Verde

Frases em Crioulo	Tradução – Português Europeu
Góra, nu ta kume uns banana	Agora, nós vamos comer umas bananas
Kes kasa bunitu.	As casas bonitas
Fidjus di nha Bia sta doenti	Os filhos da Senhora Bia estão doentes

Na gramática do Crioulo de Santiago, a área mais complexa é a do verbo. Os verbos não conhecem marcação de tempo, pessoa, número ou género. O verbo tem uma forma invariável regular. Não há concordância sujeito-verbo, uma vez que não há flexão do verbo: a forma do verbo é a mesma independentemente da pessoa e do número do sujeito, por exemplo: “e manda, nu manda” – “ele mandou, nós mandámos” (Lang, 2001).

As informações de tempo, modo e aspeto, são dadas pela terminação /-ba/ (tempo) e pelas partículas /ta/ e /sa ta/ (aspeto) e /al/ (modo) que se associam ao verbo sem lhe alterar a forma básica. A terminação /-ba/ acrescenta informação de tempo ao verbo, marcando anterioridade. Indica que o falante se está a referir a uma situação que é anterior a outra. Na frase exemplar que se segue a situação referida pelo verbo *faseba* é anterior à situação referida por *txiga*. (ex., Kantu ntxiga dja e faseba kel bolu. “Quando eu cheguei ela já tinha feito o bolo”. (Lang, 2001).

O morfema *ta* introduz uma informação de hábito, de repetição de situações (ex., E ta kume txeu= “Ele tem o hábito de comer muito” – refere-se a uma situação habitual). Já o morfema /sa ta/ dá uma informação de progressividade, de uma situação em curso num dado momento, que pode ser presente ou não.

Segue o exemplo abaixo:

Tabela 6: “Versão “ Crioulo de Cabo Verde/Português Europeu

Frases em Crioulo	Frases em Português
E sa ta kume txeu	“Ele está a comer muito”
E sa ta kumeba txeu	“ Ele estava a comer muito”

Existem, ainda, duas terminações (*-du e -da*) cujas funções junto do verbo são: permitir que o sujeito fique indeterminado (ex., Kumedu txeu, na festa di Nha Bia. “Comeu-se muito, na festa da Dona Bia”; e distinguir situações mais antigas de outras menos antigas. A terminação *-du* marca situações menos antigas e *-da* marca situações mais antigas (ex. Na nos ilha ta uzada saia ku mandrion. “Na nossa ilha usava-se saia e camisa”; Onti kumedu txeu na festa di Nha Bia. “Ontem comeu-se muito na festa da Dona Bia” (Lang, 2001).

1.3.4. Fonologia do Crioulo de Cabo Verde

A literatura encontrada apresenta mais informações sobre o Crioulo de Santiago. Este possui oito fonemas vocálicos orais e cinco nasais, que se distinguem pelos seus diferentes pontos de articulação (vogais anteriores, médias, posteriores) e graus de abertura (vogais fechadas, semiabertas e abertas). Quanto a vogais orais, existem três abertas, três semiabertas e duas fechadas. No caso das vogais nasais, a oposição “aberto/semiaberto” está neutralizada e o contexto fónico determina se as vogais são realizadas de modo aberto ou semiaberto. Relativamente às vogais, a oposição “oral/nasal” está restrita ao som final de uma palavra. Ou seja, o grau de abertura das vogais serve para diferenciar classes de palavras: as vogais tónicas dos verbos são preferencialmente fechadas ou semiabertas e as dos substantivos e adjetivos a maioria das vezes fechadas ou abertas (Lang, 2001).

Uma particularidade do Crioulo de Santiago, este centra-se no fato de o grau de abertura das vogais servir para diferenciar classes de palavras: vogais tónicas dos verbos são preferencialmente fechadas ou semiabertas e as dos substantivos e adjetivos a maioria são fechadas ou abertas como segue no exemplo abaixo indicado:

Tabela 7 – diferenças no significado das palavras mediante a aberturas das vogais tónicas

Vocabulário em Crioulo	Transcrição	Significado em português
kareka	kɛ'rekɛ	v. “ficar careca”
karéka	kɛ'rɛkɛ	s. “careca”
karapati	kɛrɛ'pɛti	v. “agarrar-se”
karapáti	kɛrɛ'páti	s. “carraça”
fronta	'frɔntɛ	v. “sofrer uma desgraça”
fróna	'frɔntɛ	s. “desgraça”

Assim como o português, os fonemas consonânticos orais e nasalizados diferenciam-se quanto ao ponto de articulação (labiais, alveolares, palatais, velares), ao modo de articulação (oclusivos, fricativos, líquidos) e ao papel das cordas vocais (sonoros ou surdos). No léxico mais antigo do Crioulo, /b/, /s/ (pronunciado (z) antes de palavras que começam com som vocálico assim como antes de consoantes sonoras) e S (som x) substituem os consoantes v, z, j. Segue os exemplos e em seguida segue o quadro explicativo para cada fonema:

Exemplos: Vaca – Baka; Vender – Bendi; Mesa – mésa ou meza.

Tabela 8- Sons dos fonemas do ACV de acordo com os pontos de articulação

	Oclusivas		Fricativas		Nasais	Líquidas
	Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras		
Bilabiais	p	b			m	
Lábio-dentais			f	v		
Alveolares	t	d	s	Z	n	l, r
Palatais	c		S (x)	Z (som j)		Lh
Velares	k	g				

O sistema de escrita no Crioulo de Cabo Verde se dá por meio do ACV na qual, na variedade de Santiago, a estrutura silábica mais frequente é a de tipo Consoante Vogal, sendo raras as sílabas que não comecem com consoante. Também permite a ocorrência de duas ou três consoantes em posição inicial de sílaba, mas no português só são permitidas sequências de duas consoantes em posição inicial de sílaba. A ordem básica de constituinte do Crioulo (Variante Santiago) é Sujeito – Verbo – Objeto (Pereira et al., 2007).

Por exemplo:

Tabela 9: Ordem básica de constituinte do Crioulo (Variante Santiago)

Frase em Crioulo	Frase em Português
N kunpra un kasa	“ Eu comprei uma casa”

A maior parte das palavras acentuadas do Crioulo de Santiago são compostas por duas sílabas abertas, em termos fonológicos, mas também existem palavras monossilábicas e polissilábicas. A acentuação das palavras é, em princípio, livre, mas o acento recai geralmente sobre a penúltima sílaba (Lang, 2001).

Há quem veja o Crioulo de Cabo Verde, assim como o Mirandês, como uma espécie de condenação da língua, uma língua do lar, da amizade e do amor. Tudo isto por serem línguas destinadas a ambiente familiar e que, como tal, não têm, nem poderiam ter, a capacidade de expressarem ideias mais altas que os pensamentos do dia a dia (Ferreira, 2000). O mesmo autor afirma que tal não se verifica, pois, qualquer língua pode expressar qualquer nível de pensamento – qualquer língua pode incorporar no seu léxico todo o tipo de neologismos e como ele e com a sua gramática construir um número infindável de frases.

Para que uma língua seja elevada ao estatuto de língua oficial, é necessária a vontade política dos Estados, da sua maior ou menor tendência centralizadora e autoritária ou seja, através do grau de institucionalização, pela existência ou não de norma oficial de escrita, de pronúncia e de gramática.

Assim sendo, a normalização é uma das ações mais importantes para que um idioma possa alcançar um estatuto de língua oficial.

1.4 Bilinguismo: Crioulo VS Português

É possível classificar as línguas segundo critérios que se fundem na comparação das semelhanças e diferenças formais existentes entre elas. Com isso não se pode separar o percurso seguido pelas línguas do percurso socio-histórico dos seus falantes e das comunidades a que pertencem. Consequentemente, a maioria dos países do mundo é bilingue ou multilingue. Isto significa que raras são as comunidades que partilham uma única língua sem que outras coexistam no mesmo espaço geopolítico (Thomason, 2001).

Bilinguismo, segundo o Dicionário Terminológico de Terapia da Fala (2020) corresponde a “capacidade de comunicar em duas línguas em diferentes modalidades (oral, escrita) e com variados níveis de proficiência. Pode ser simultâneo ou sequencial.”

Já o bilinguismo, segundo Lopes (2011) corresponde ao conhecimento e uso de duas ou mais línguas por um indivíduo ou por uma comunidade, implicando a distinção comum entre o bilinguismo individual e o social, sendo este último um fenómeno de dimensão coletiva, caracterizado pela existência de um número significativo de falantes bilingues na comunidade.

Oksaar (1971) definiu o bilinguismo como fenómeno que consiste na “... capacidade de uso de duas línguas em diferentes situações e/ou troca automática de código (automatic code switching)”. Heye (2003), através da perspectiva biculturalista, define bilinguismo como a “... capacidade do indivíduo se identificar com ambos os grupos linguísticos em contato.”

Segundo Thomason (2001), que aborda o bilinguismo de ponto de vista do contato de línguas, uma comunidade é considerada bilingue estável através da convivência de duas ou mais línguas por meio significativo de falantes bilingues, cujas normas do uso das línguas estão bem definidas e não tenham sofrido alterações profundas por mais de três ou quatro gerações e nem qualquer sinal incipiente de mudança.

Estudiosos do bilinguismo como, por exemplo, Ludi e Py (1986), defendem que um falante bilingue não é a soma de dois monolingues. Assim, quando um bilingue fala qualquer uma das línguas que domina, não as fala como os monolingues em cada uma delas; no seu falar bilingue há características originais cujo surgimento é favorecido pelo fato de o falante estar ou ter estado exposto a outra gramática, características essas que podem ser totalmente idiossincráticas.

O falante bilingue, segundo Grosjea (1982-1985), é um falante com uma configuração única e específica, considerado como um todo, embora com competência linguística em duas línguas. Duffour e Kroll (1995) retratam que no falante bilingue há que ter em conta o papel desempenhado pela aquisição/aprendizagem da sua segunda língua, ou seja, o bilingue encontra-se numa continuidade de aprendizagem da segunda língua, sendo um perfeito conhecedor dela, mas não necessariamente fluente nas duas línguas.

É considerado bilingue qualquer falante que preencha as exigências da comunicação em qualquer das línguas, sendo pacífica a aceitação da existência de graus diferentes de bilinguismo. Com isso, a comunidade considerada bilingue na sua globalidade, pode (e geralmente fá-lo) consoante as situações de comunicação em que se encontra, especializar-se funcionalmente das línguas que dispõe, ou seja, cada uma das línguas é preferencialmente utilizada em determinados fins e determinadas circunstâncias (Mota, 2004).

Num território cujos falantes possuem variedades na fala, a escolha de uma para se tornar e impor-se como norma ou língua padrão, dá-se por meio dos fatores sociopolíticos, históricos, comunicativos e até pedagógicos (Ferreira *et al.*, 1996). Nada do ponto de vista estritamente linguístico leva a escolha de uma determinada variedade como norma de uma língua. Com isso a variedade escolhida como padrão funcionará como língua oficial, de cultura e de ensino (Ferreira *et al.*, 1996).

Atualmente a nível linguístico, Cabo Verde possui duas línguas (Crioulo e Português) que coexistem em paralelo, e não em sobreposição e nem por exclusão. Apresentam estatutos e funções distintas: o Crioulo é a língua materna e nacional e o Português é a língua oficial e internacional. Desde a época da colonização até a presente data, o Português é uma língua reservada à comunicação formal, de ensino e das comunicações sociais, sendo a língua do colonizador. Já o Crioulo sempre foi visto como um “português malfalado”, chegando a ser proibido pelo artigo 11º do decreto-lei de 1849, reservado a comunicação informal, de domínio oral (Lopes Filho, 2010). Atualmente são visíveis mudanças de posição por parte de algumas entidades, sendo que o Crioulo está a ser falado em alguns meios de comunicação social, sendo visto como um elemento essencial da identidade nacional quer dentro quer fora do país, contribuindo assim para a harmonia e valorização da própria língua (Pires, 2007).

As línguas crioula e portuguesa tiveram processos de evolução distintas em Cabo Verde, devido a aspetos geográficos e sociais divergentes e, no país, a comunidade continua a utilizar o Crioulo como sendo a língua materna, de comunicação do dia-a-dia. No contexto comunicativo, apesar

das duas línguas serem aparentemente muito próximas (mas realmente muito diferentes), observa-se uma grande influência do crioulo no português, quando adquirido como segunda língua (Lopes, 2011).

Tudo isto se dá através do fenómeno de bilinguismo, que existe em Cabo Verde.

Em Cabo Verde, apesar do Crioulo ser uma língua tradicionalmente oral, cuja grafia oficial foi proposta em 1998 – ALUPEC- e revista no Boletim oficial nº18 de 1998, observa-se um bilinguismo estável, onde não existe uma relação social conflituosa, em que ambas as línguas coexistem em paralelo e não em sobreposição e nem por exclusão (Pires 2007).

Assim sendo, o povo cabo-verdiano é considerado bilingue, por possuir duas línguas: uma do colonizador, e outra, a língua materna, que ocupa todo o espaço social e humano das ilhas. Porém esse fenómeno não afeta globalmente a sociedade cabo-verdiana, uma vez que nem todos os cabo-verdianos falam o Português. Apesar do Português ser considerado a língua oficial, de carácter formal e do domínio administrativo-político, nunca foi uma língua de domínio afetivo e global. Em contrapartida, o Crioulo continua sendo o instrumento de comunicação oral privilegiada, de informação e cultural também. Como passo de uma grande evolução, o Crioulo atualmente está a ser ensinado nas escolas a título experimental, como língua optativa.

Mediante isto, pelas pesquisas realizadas bem como através da prática clínica da investigadora, não foram encontrados estudos sobre o desenvolvimento da linguagem nas crianças cabo-verdianas. Acresce a dificuldade de aplicação dos testes existentes na literatura (disponíveis em português, inglês, francês ou espanhol) para uma avaliação formal da linguagem das crianças cabo-verdianas falantes do Crioulo como língua materna, essenciais quer para um bom diagnóstico quer para um prognóstico ajustado, já que estas não dominam o Português desde a infância, por ser uma língua ensinada e não a sua primeira língua.

1.5 Objetivos

Esta investigação tem por objetivo a tradução e adaptação cultural e linguística de um instrumento preciso para a língua crioula de Cabo Verde, e que possa ser empregue por outros pesquisadores. Na pesquisa realizada e na prática clínica, em Cabo Verde, ainda não existe nenhum estudo sobre a aquisição da linguagem na língua materna – o Crioulo, pelo que não existem os marcos do desenvolvimento correspondentes. Na investigação literária sobre os testes validados para a avaliação da Linguagem na criança optou-se por um teste desenvolvido

para avaliação do Português Europeu, devido as semelhanças existentes entre as duas línguas, visto que a Português Europeu foi a base lexical para o Crioulo de Cabo Verde.

De entre os instrumentos encontrados na língua europeia, foi escolhido o Teste de Avaliação da Linguagem na Criança (TALC) (Sua-Kay & Tavares, 2011), por ser um teste cujo objetivo é avaliar a compreensão e a expressão da linguagem em crianças dos 2 anos e 6 meses aos 6 anos, sendo um intervalo importante para as crianças de Cabo Verde, uma vez que o processo de aquisição e aprendizagem se dá de forma natural e na sua grande maioria na língua materna – Crioulo.

Desta forma, a aplicação do TALC em crianças dos 2 anos e 6 meses aos 6 anos permitirá identificar crianças que funcionam abaixo dos seus pares relativamente à compreensão e expressão da linguagem, assim como áreas específicas fortes e fracas. Permitirá ao profissional identificar a possível área específica de intervenção, tornando assim, pertinente a adaptação e tradução do instrumento para a língua crioula de Cabo Verde (Sua-Kay & Tavares, 2011).

2 Metodologia

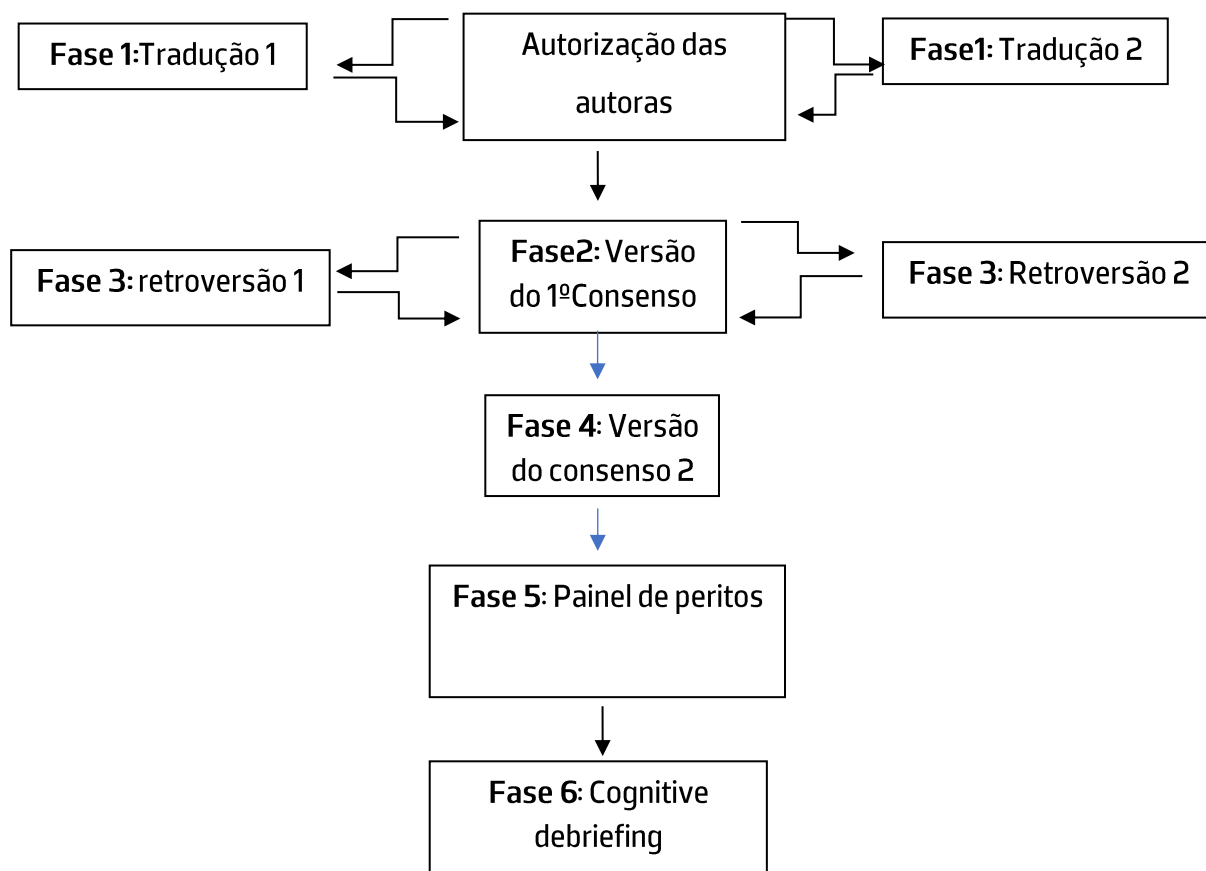
2.1. Desenho e tipo de estudo

Este é um estudo de tradução e adaptação cultural e seguiu os procedimentos necessários à tradução e validação de instrumentos, de acordo com Guilemin (1993) e Beaton, Bombardier et al., (2000).

Para o início do processo metodológico foi solicitada a autorização para a tradução e adaptação cultural às autoras do instrumento TALC, que foi concedida (apêndice 1).

Este processo incluiu as fases de tradução (fase1), consenso das traduções (fase2), retroversão (fase3), consenso das retroversões (fase4), painel de peritos (fase5) e *cognitive debriefing* (fase6), com o objetivo de produzir traduções equivalente ao documento original, conforme a figura1. Com o intuito de responder à questão de partida e cumprir os objetivos propostos nesta investigação, desenhou-se um estudo de tradução e validação de instrumento.

FIGURA 1 – Fluxograma do processo de Tradução e adaptação cultural e linguístico (Guilemin,1993 e Beaton, Bombardier et al.,2000).



2.2. Participantes

A seleção dos participantes integrantes das várias etapas (tradutores e retrotradutores, elementos integrantes do painel de peritos, e os participantes no *cognitive debriefing*) deu-se por conveniência, já que estes foram escolhidos a partir da rede da investigadora. O contato foi realizado via email e/ou pessoalmente recorrendo aos contatos da investigadora tratando-se, assim, de uma amostra não aleatória por conveniência (Tyer e Heyman, 2016).

Os critérios de inclusão seguiram os requisitos para o estudo, sendo todos os participantes independentes entre si, fluentes e com domínio nas duas línguas em questão (Crioulo e português).

O painel de peritos foi constituído por quatro (4) elementos: dois (2) tradutores e dois (2) retrotradutores, todos bilingues, sendo dois deles peritos no estudo do crioulo de Cabo Verde. Os mediadores da síntese das traduções foram a investigadora e a orientadora. A autora do teste participou na reunião com o objetivo de dar o contributo face o pressuposto da avaliação de cada item a ser traduzido.

Quanto aos participantes do *cognitive debriefing*, os critérios de inclusão foram: ser fonoaudiólogos ou terapeutas da fala a exercer a profissão, no momento do estudo, em Cabo Verde e ter como carteira profissional crianças dentro da faixa etária abrangida pelo TALC. Obteve-se a participação de 6 fonoaudiólogos que cumpriam todos os critérios definidos.

2.3. Instrumentos de referência de medida

Para este estudo, como dissemos, foi escolhido o Teste de Avaliação da Linguagem na Criança (TALC) (Sua-Kay & Tavares, 2011) – anexo1, para tradução e adaptação cultural e linguística, na língua crioula. O TALC (Sua-Kay & Tavares, 2011) é um teste de referência à norma com dados normativos para falantes do Português Europeu, dirigido a crianças de idade pré-escolar com idades compreendidas entre os 2 anos e 6 meses e os 5 anos e 11 meses. Na 9ª edição (2011), o processo de standardização foi realizado com 1002 crianças falantes do Português Europeu. Este teste avalia compreensão e expressão semântica e morfossintática e ainda expressão pragmática. É considerado um teste sensível à identificação de Perturbação de Aquisição e Desenvolvimento de Linguagem e à realização de diagnósticos diferenciais que permitem identificar as áreas específicas fortes e fracas de cada criança (Sua-Kay & Tavares, 2011).

Para a sua aplicação, são necessários um conjunto de objetos e pranchas com imagens representativas de objetos, ações e situações, bem como uma folha de registo para anotação das respostas e cotação e também um manual de instruções com tabelas normativas.

A aplicação do teste pode variar entre 30 a 60 minutos, dependendo da colaboração da criança. Trata-se de um teste formal, com protocolo específico de aplicação, disponível no manual que acompanha o teste.

A aplicação do TALC (Sua-Kay & Tavares, 2011) em crianças dos 2 anos e 6 meses aos 5 anos e 11 meses permite identificar crianças que funcionam ao mesmo nível ou abaixo do dos seus pares relativamente à compreensão e expressão da linguagem. Permite ao profissional identificar áreas de intervenção, facilitando o prosseguimento da intervenção. O facto de estar em português facilita a sua utilização por parte dos fonoaudiólogos, já que estes dominam o português, mas impõe a sua adaptação e tradução da folha de registo (quer dos *prompts* quer das possibilidades de resposta) para a língua crioula de Cabo Verde, para poder ser aplicado às crianças cabo-verdianas entre os 2 anos e 6 meses e os 5 anos e 11 meses.

Para validação dos resultados de cada uma das fases, foram criados instrumentos para verificação do índice de concordância entre tradutores (ICtra); para verificação do índice de concordância entre retrotradutores (ICret); para verificação do índice de concordância no painel de peritos (IVCper). Para as três fases indicadas, foi usada uma *checklist* (apêndice 2), um documento criado pela investigadora com o objetivo de comparar as traduções feitas com o original.

Para o *cognitive debriefing* foram usados dois instrumentos: um questionário (apêndice 3) e um guião de entrevista (apêndice 4). Os valores desta última fase foram divididos em Índice de Validade de Conteúdo por secção (IVCsec), correspondente à análise de respostas ao questionário enviado aos elementos participantes na Fase 6; Índice de Validade de Conteúdo por categoria (IVCcat), correspondente à análise das respostas às entrevistas efetuadas com os mesmos elementos e ainda Índice de Validade de Conteúdo total (IVCtot), correspondente à agregação dos dois anteriores.

2.4 Procedimentos

De acordo com o material selecionado, a adaptação cultural de um instrumento de recolha de dados para utilização em outro idioma diferente da sua origem requer uma metodologia única,

para que seja obtida equivalência entre a fonte original e o idioma ao qual se destina (Beaton et al., 2000).

A adaptação transcultural trabalha com o idioma, bem como com a cultura diferente do país para o qual se deseja validar o instrumento. De acordo com Guilemin (1993) e Beaton (2000), devem ser consideradas cinco situações para o processo de aplicação do instrumento: 1º Instrumento será usado numa população com a mesma cultura, idioma e origem da fonte; 2º Instrumento será usado em imigrantes que falam o idioma e residem no local da fonte; 3º Instrumento será usado em outro país, porém com o mesmo idioma da fonte; 4º Instrumento será usado em novos imigrantes que não falam o idioma, mas residem no país da fonte; 5º Instrumento será usado em outro país e com outro idioma que o da fonte (ver figura 1).

O primeiro passo a ser tomado foi o contacto via e-mail, com as autoras do TALC a fim de obter a autorização para o acesso ao instrumento e assim iniciar com a tradução e adaptação cultural e linguística do mesmo para a população cabo-verdiana. Foi concedida a autorização para tradução de todo o material escrito e eventual adaptação das imagens (anexo 1). Foi concedida a autorização da comissão nacional de ética e pesquisa em saúde de Cabo Verde para o desenvolvimento deste estudo (anexo 2).

O convite aos diversos participantes foi efetuado via e-mail e/ou presencialmente. Todos os elementos aceitaram participar de forma livre, após receberem uma breve apresentação/explicação do objetivo do estudo e das suas funções nas fases para as quais a sua participação foi solicitada.

Optou-se por traduzir apenas a folha de registo, já que todos os potenciais utilizadores do TALC dominam bem o português. Assim, o estudo que aqui se apresenta reflete apenas a tradução da folha de registo e eventual adaptação das imagens do teste.

Fase 1 (F1): Tradução do instrumento do Português Europeu para o Crioulo:

Para a fase 1, recorreu-se a dois tradutores independentes entre si e que cumpriam com os critérios de inclusão já descritos no ponto 2.2, sendo um dos tradutores um investigador da língua crioula. Dado que um dos tradutores iniciais utilizou a versão do Crioulo de S. Vicente, esta foi descartada, tendo sido contactado novo tradutor com experiência no Crioulo de Santiago.

Foi-lhes enviado por e-mail a folha de registo do instrumento TALC para tradução dos textos, com a mesma estrutura do instrumento correspondente à versão de 2011 (9ª edição), para o Crioulo.

Fase 2: Síntese das traduções (versão conciliada das traduções):

Com o objetivo de analisar as discrepâncias entre as traduções (na fase da tradução e consenso das traduções), foi utilizada uma grelha de comparação da análise (apêndice 1) onde consta para cada objetivo avaliado, uma coluna para a versão original contida no teste, outra com a tradução do tradutor 1 (T1), outra com a tradução do tradutor2 (T2) e mais uma com a versão de consenso (T-1+2).

As versões das traduções dos dois tradutores (T1 e T2) foram analisadas e comparadas entre si e com o instrumento original, através de uma reunião, com a presença das investigadoras, de uma das autoras do instrumento e os tradutores, para a elaboração de uma síntese, apontando as discrepâncias e os ajustes, para elaboração de uma única versão (Versão conciliada T-1+2).

Fase 3: Retroversão:

Após a elaboração da folha de registo do TALC (Sua-Kay & Tavares, 2011) com a versão conciliada das traduções, esta foi enviada via e-mail, as retro tradutoras, juntamente com as imagens de suporte, para a retroversão para o idioma original, o Português Europeu. As retroversões foram realizadas por duas tradutoras bilingues independentes entre si, sem que estas tivessem acesso prévio ao instrumento original. Vale ressaltar que uma das tradutoras é linguista da Universidade de Cabo Verde.

Fase 4. Síntese das retroversões (Correção da versão conciliada):

Foi realizada uma reunião de conciliação das retroversões realizadas, na qual foram necessários novos ajustes do ponto de vista linguístico, eliminando assim as ambiguidades existentes. Logo após a sua conclusão foi elaborado um novo documento original. A reunião foi realizada com a presença das investigadoras, uma das autoras do teste e das retro tradutoras.

Fase 5. Painel de Peritos:

Face ao painel de peritos, este cumpriu com o objetivo de comparar a versão original com a retro tradução e a versão do consenso. Com isso, foi elaborada mais uma grelha (apêndice 2 e 3) na qual constavam as versões retro traduzidas, e outra com a versão do consenso (RT-1+2) e outra destinada à versão harmonizada de acordo com as decisões do painel.

O Painel de peritos foi composto por 6 elementos: 3 dos 4 tradutores, sendo uma delas na qualidade de Linguista, a investigadora, a autora e a orientadora do estudo. Este efetuou a comparação das versões conciliadas (tradução e retro tradução), com o instrumento original.

A reunião do painel de peritos teve lugar online, em data acordada entre todos os participantes.

Os documentos para análise foram enviados a todos com uma semana de antecedência. No momento da reunião foram comparados e analisados todos os itens do TALC, a versão original e a versão conciliada das traduções, tanto do ponto de vista da adequação cultural, bem como linguístico. Conforme foram surgindo alterações, estas foram introduzidas após a concordância unânime de todos, inclusive da autora do instrumento. Assim, foram analisados os seguintes aspetos:

- **Equivalência semântica/conceitual:** verificar o significado das palavras (análise gramatical e de vocabulário) (Alexandre e Coluci, 2011);

-**Equivalência cultural:** trata-se de verificar o conceito explorado, se existiam palavras com diferentes significados conceituais entre as duas culturas (Alexandre e Coluci, 2011);

- **Equivalência idiomática:** verificar a existência ou não de expressões idiomáticas e coloquiais de difícil tradução para o crioulo, que resultassem em expressões equivalentes em crioulo (Alexandre e Coluci, 2011);

- **Equivalência experiencial:** verificar se os itens estariam de acordo com a experiência profissional e o quotidiano da população alvo do instrumento (Alexandre e Coluci, 2011).

Fase 6: *Cognitive debriefing* e análise de conteúdo:

O *cognitive debriefing* é um método de desenvolvimento de pesquisa qualitativa cujo objetivo é testar o nível de compreensão dos representantes do grupo do idioma-alvo, de uma tradução, isto é, validar se o instrumento traduzido é compreendido da mesma forma que o original e, conseqüentemente, uso futuro na população-alvo (Meadows, 2021; Language Scientific, s.d.)

O objetivo do *cognitive debriefing* pretende verificar a equivalência do conceito, comparando o léxico da tradução com o original cujo enfoque vai além da tradução literal das palavras. Pretende-se uma tradução/produção de frases que será compreendida da mesma forma pelos nativos (Meadows, 2021; Language Scientific, s.d.)

A estes participantes foram enviados a folha de registo e as imagens de suporte.

Para esta última fase do estudo, foi elaborado um questionário online (apêndice 4), um guião de entrevista semiestruturada (apêndice 5), abordando sobre as categorias:1- Conteúdo; 2-

Linguagem; 3-Ilustrações; 3-Motivação, para classificar os itens do instrumento e avaliar quanto à clareza do texto, a relevância, adequação conceptual e ambiguidade, para posterior cálculo de índice validade de conteúdo (Delgado-Rico et al.,2015; Ghahramanian et al.,2015; Matos et al.,2015). Foi solicitado o preenchimento do formulário online (apêndice 4), com o objetivo de eliminar qualquer viés relacionado com a entrevista semiestruturada durante o próprio *cognitive debriefing*.

Foram convidados seis (6) fonoaudiólogos de Cabo Verde, representando a população que irá utilizar o instrumento, tendo como objetivo a análise do documento já traduzido (Wild et al., 2005).

E para análise desses resultados, consideraram-se três subtipos de Índice Valide e Conteúdo (IVC), tal como já dissemos atrás. Os valores desta última fase foram divididos em Índice de Validade de Conteúdo por secção (IVCsec – correspondente à análise de respostas ao questionário enviado aos elementos participantes na Fase 6); Índice de Validade de Conteúdo por categoria (IVCcat – correspondente à análise das respostas às entrevistas efetuadas com os mesmos elementos) e ainda Índice de Validade de Conteúdo total (IVCtot – correspondente à agregação dos dois anteriores).

Os IVC foram obtidos usando uma escala Lickert de 4 pontos, em que 1 significa discordo totalmente e 4 concordo totalmente. Nos cálculos dos IVC consideraram-se os valores “3” e “4” por corresponderem a respostas favoráveis.

O IVCcat foi calculado dividindo o número de respostas com valor “3” ou “4” (da escala de Likert) na respetiva categoria, pelo número de respostas nessa mesma categoria (fórmula1).

Fórmula 1

Cálculo do IVCcategoria
$IVCcat = \frac{\text{número total de respostas "3" ou "4"}}{\text{número total de respostas na categoria do questionário usado para apreciação}}$

O IVCsecção foi calculado, dividindo o número de respostas “3” ou “4” na respetiva secção, pelo número total de respostas nessa mesma secção (fórmula 2).

Fórmula 2

Cálculo do IVCsecção
$IVCsec = \text{número total de respostas "3" ou "4"} / \text{número total de respostas na secção}$

Por fim, o cálculo do IVCglobal foi feito dividindo o número total de respostas "3" ou "4" (da escala de Likert), pelo número total de respostas (fórmula 3).

Fórmula 3

Cálculo do IVCglobal
$IVCglobal = \text{número total de respostas "3" ou "4"} / \text{número total de respostas}$

Com o objetivo de processar os dados e calcular os valores de IVC, recorreu-se ao uso do programa Microsoft Office Excel.

Para que este seja considerado aceitável, é necessário que o resultado seja igual ou superior a 0.80 (Waltz et al., 2010). Em contrapartida, outros autores defendem que, o valor deverá ser igual ou superior a 0,90, para que um instrumento possa ser considerado com um valor recomendado e ou excelente (Alexandre & Coluci, 2011; Polit & Beck, 2006). Neste estudo o valor de referência utilizado é de 0.80.

3 Resultados

Apresentamos, de seguida os resultados obtidos em cada uma das fases.

Fases 1 e 2:

O instrumento TALC (Sua-Kay & Tavares, 2011) foi traduzido para a língua cabo-verdiana – Crioulo de Santiago – por dois tradutores independentes: o primeiro tradutor é do sexo masculino, estudante universitário, residente em Portugal há 3 anos. Fez a tradução influenciada pelo português. Já o segundo tradutor, também do sexo masculino, é residente em Cabo Verde, investigador da língua crioula com domínio das regras/escrita do crioulo. O mesmo realizou a tradução com base no alfabeto da escrita cabo-verdiana e também fazendo o uso do dicionário do linguista Manuel Veiga (2012).

As versões dos Tradutores 1 (T1) e 2 (T2) do instrumento foram efetuadas de acordo com a variante do crioulo de Santiago e incluíram as questões (*prompt*) (48 – 23,9%) e os itens de resposta (153 – 76,1%). O índice de concordância total entre as duas traduções foi 54 (26,8%) itens, o índice de concordância parcial foi de 137 (67,6%) itens. Apenas 10 (4,9%) itens não tiveram consenso, num total de 201 itens. O consenso parcial foi subdividido em: equivalência conceptual/semântica; gramatical (sintática, morfológica, ortográfica e fonológica); e cultural. Observa-se que a questão da gramática, principalmente a ortografia, influenciou grandemente os resultados (87/137), uma vez que o Tradutor1 não usou o alfabeto cabo-verdiano. Após a obtenção das duas versões da Tradução do TALC (Fase 1), foi realizada uma reunião para obtenção da síntese das traduções (versão conciliada – Fase 2). O índice de concordância final foi de 100%, sendo que nessa fase, com o acordo com a autora do teste, foi retirada o primeiro item da prancha 30 da secção 6: “Olha tantos brinquedos que o menino tem aqui”. Apontar para os brinquedos e dizer: “aqui estão dois... e aqui dois ... e aqui dois...” leões carros pincéis bolas”, devido à inexistência na língua crioula de marcadores de plural, fazendo com que a cotação total do teste fosse revista e modificada no final. Foi ainda acordada a mudança na folha de registo da palavra “esquilo”, sendo substituído por “gato” por ser um vocabulário que não faz parte da realidade da população alvo. Consequentemente, será necessário realizar uma alteração no próprio material impresso, isto é, nas imagens.

Fase 3 e 4

De seguida foi realizada a retroversão (Fase 3) bem como a síntese de consenso das retroversões (Fase 4) por reunião online, via zoom, com base na *checklist* do consenso da tradução.

O índice de concordância total entre as duas retroversões foi de 191 (95,5%) de itens e o índice de concordância parcial foi de 9 (4,5%) itens, para um total de 200 itens avaliados. A divisão das categorias das discrepâncias manteve-se (ver a página 31).

Mais uma vez, na versão conciliada, foi obtido consenso na totalidade.

Fase 5

Em seguida, foi realizado o painel de peritos, com a presença dos tradutores, retro tradutores bem como a autora, a investigadora e a orientadora, A reunião decorreu online, também através da plataforma zoom.

Para alguns itens, foi necessário rever a tradução e a retroversão. Vejamos alguns exemplos:

- A. Item 2.2 correspondente à secção Três Palavras de Conteúdo – prancha 14, obteve-se o consenso linguístico e cultural quanto ao vocabulário/conceito da palavra **Camisola** para a língua da população alvo, sendo mantido o vocabulário original.
- B. Na prancha 23 do mesmo item, manteve-se a mudança sugerida do vocabulário “**esquilo**” para “**gato**” uma vez que a palavra inicial não fazia parte da realidade da população-alvo em estudo. O mesmo se procedeu quanto ao verbo “**ver**” que foi necessária a sua readaptação na fase da tradução uma vez que esta tinha sido traduzido para “**djobe**”
- C. Na prancha 30 item 3, apesar do verbo “**Arrumar**” existir na língua crioula, este ao ser traduzido/empregue naquela frase, modifica o conceito em avaliação, logo foi feito um ajuste cultural com o verbo “**poi**” que traduz o conceito segundo o do instrumento original.
- D. Já na prancha 32 houve a necessidade de acrescentar um complemento que especificasse o sujeito da ação, uma vez que na imagem constam várias pessoas.
- E. Face à Voz Passiva, não foi possível a sua tradução pelo que foi retirada do instrumento, que implicou a redução de mais 7 itens na cotação final (1 *Prompt*, 3 pranchas, 24, 25 e 26 e, cada prancha apresenta 2 opções de respostas).

A versão final ficou com 193 itens. Destes itens analisados/traduzidos e constantes na versão final, obtiveram-se 163 (84,4%) itens com consenso total, 20 (10,3%) itens com consenso parcial e 10 (5,1%) itens não obtiveram consenso Foram então realizadas 10 equivalências concetuais/semânticas; 15 gramaticais (ortografia) e 5 culturais, sendo que, para todos eles, foi encontrada uma versão única na reunião de consenso, prevalecendo o conhecimento linguístico, gramatical e do alfabeto cabo-verdiano, por meio da decisão final da linguista.

Seguidamente, o instrumento passou por uma revisão final por parte de uma das tradutoras, na qualidade de linguista. Com isso a contabilidade final ficou igual ao do painel de peritos. As modificações integradas estão relacionadas com a ortografia.

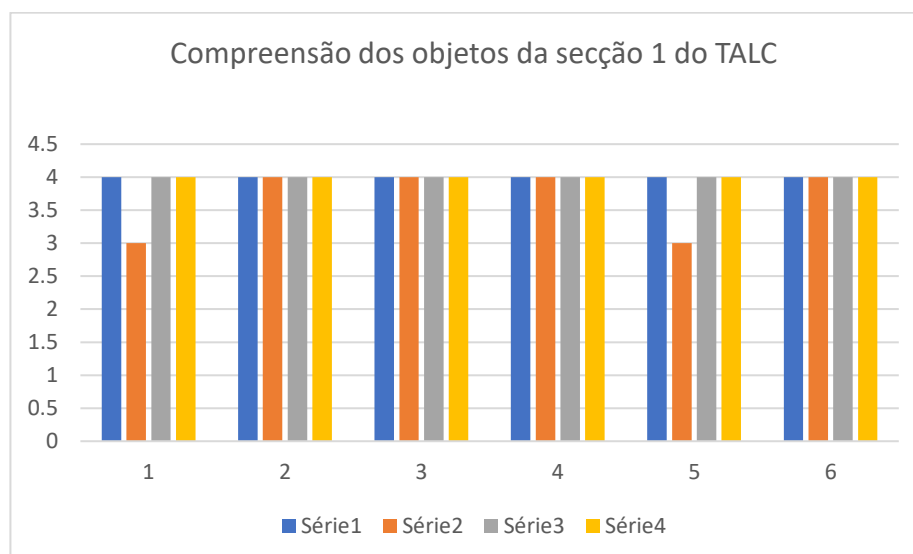
Fase 6

Passamos agora à apresentação dos resultados do *Cognitive Debriefing*.

O painel do *Cognitive Debriefing* (CD) foi composto, como se disse, por 6 fonoaudiólogos, sendo 3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino. Dos 6 peritos, apenas um trabalha de forma autónoma e os restantes 5 exercem em ambiente clínico. Todos os profissionais exercem com crianças, e o tempo de experiência com as crianças é de 2 anos para 5, enquanto um tem já 8 anos de experiência.

Face às respostas do questionário, na secção 3 relativa a Secção 1 do TALC (vocabulário – compreensão, obteve-se concordância total de todos os participantes, exceto na questão 1.2, em que dois participantes “concordaram em parte” (Gráfico 1).

GRÁFICO1 – Compreensão de vocabulários face aos objetos da secção 1 TALC



Quer o Perito 1 quer o Perito 5 deram a cotação “parcial” no item 1.2. O Perito 1 apresenta como sugestão que fossem consideradas as variações na língua e não fossem consideradas erradas as respostas que tenham como influência o português e nem as do regionalismo, dispondo assim de mais opções de respostas, uma vez que dentro da própria variante do Crioulo de Santiago existem variações.

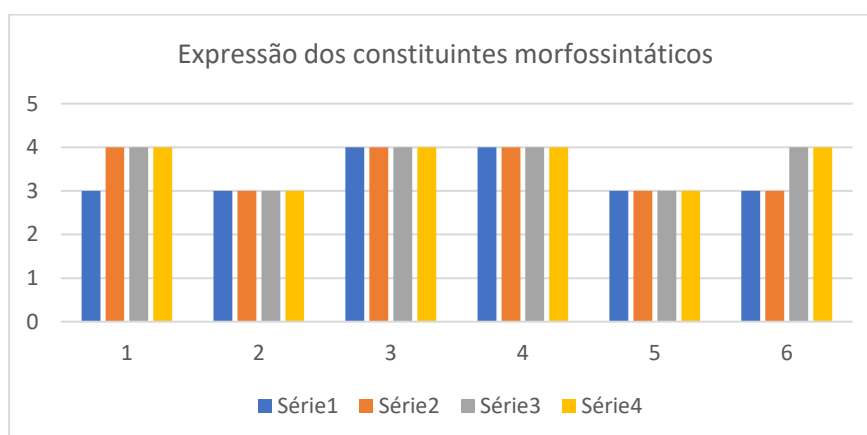
Tanto na secção 2 como na 3 do questionário relativa às secções 4 e 5 do TALC (relações semânticas e frases complexas), respectivamente, ambas obtiveram concordância na maioria das questões com o valor superior a 80%, salvo na questão 3.3, cujos valores obtidos foram a 50/50. De entre os peritos que responderam concordo em parte, destaca-se o perito 6, que ao comparar as suas respostas com as da entrevista, afirma que “De acordo com a sua experiência profissional, existem alguns termos que podem não corresponder ao cenário atual da ilha de Santiago/cidade da Praia, devido a fortes influências de estrangeiros, bem como de habitantes de outras ilhas.”

A secção 4 do questionário, relativa à secção 4 – Parte II da expressão do TALC (vocabulário), obteve 100% de concordância em todas as questões, apesar de que, durante as entrevistas, todos referiram a questão do regionalismo, mas concordam no quesito de que este é adequado à população alvo, bem como a cultura cabo-verdiana.

A secção 5 do questionário, relativa à secção 5 – Parte II da expressão do TALC (Frases absurdas), também obteve 100% de concordância em todas as questões.

Na secção 6 do questionário, relativa à secção 6 – Parte II da expressão do TALC (constituintes morfossintáticos), somente dois peritos (perito3 e perito4) obtiveram concordâncias totais iguais em todas as questões (Gráfico 2).

GRÁFICO 2 – Avaliação dos constituintes morfossintáticos face a da secção 8 do TALC



Já os peritos 2 e 5 obtiveram concordâncias parciais em todas as questões, como consta no mesmo gráfico.

Fazendo uma comparação com as respostas dadas durante as entrevistas, destacam-se, a nível geral, a questão do Crioulo, isto é, uma especial atenção ao vocabulário usado; Possibilidades de mais respostas; mudanças de alguns termos pela linguagem atual de fácil compreensão para a criança.

Na tabela 10 encontram-se em destaque algumas sugestões pontuadas pelo perito 6:

Tabela 10– Sugestões do perito 6 para reformulação dos prompts

Pranchas	Original	Tradução	sugestões	Explicações
7	Põe a menina a dormir	Poi mininu-fêmea durmi	“Poi mininu-fêmea ta durmi”	Na tradução foi retirada a expressão “Ta”. A nível oral/ linguagem diária, normalmente é contabilizado como elemento de frase em défice, quando a criança não a utiliza
23	Esquilo			é longe da realidade cabo-verdiana
Frases absurdas (prompt)	“...se está bem ou não..”	“...si o ka si...”	“...dreto ku mariado..”	as crianças possuem o conceito de bem e mal (dreto ku mariado), logo poderia ser utilizado essas expressões para uma melhor compreensão.
31	“...muito feliz..”	“Rai de kontenti”	“txeu kontenti”.	A tradução feita - a oralidade não condiz com a escrita: “Rai de kontenti”(oralmente - rei)
32	“...ó mãe nós...”	“...Nós mai	“...és fla, mama.../Mama nu”	A tradução feita é muito pouco utilizado pelas crianças.

Para os índices de validade de conteúdo relativos às questões colocadas ao painel do *cognitive debriefing*, obtiveram-se os seguintes resultados:

- O IVCsec foi de 100% em todas as secções se considerarmos de igual forma a classificação de 3 ou 4. Destacamos a secção 6, correspondente aos constituintes morfossintáticos, que não obteve concordância total em nenhum dos itens, tal como aconteceu nas secções 3 e 5, correspondentes a Compreensão - Frases complexas e Expressão - Frases Absurdas, respetivamente, mas nestas duas secções o índice de concordância total ultrapassou os 80%.
- O IVCcat foi de 100% em todas as categorias se considerarmos de igual forma a classificação de 3 ou 4. Destacamos a última categoria, correspondente a Motivação, face as mudanças necessárias para respeitar o conteúdo. Na qual obtivemos respostas de

peritos afirmando a necessidade de mudanças, com um total de 4 categorias, sendo total de 58 respostas de consenso total.

- IVCglobal foi de 90,9%.

Em relação as sugestões dadas pelos peritos, num total de 16 sugestões, a maioria foram de conteúdo para mudança de vocabulário (9 sugestões). Das sete restantes, cinco estão relacionadas com sugestões de leitura de respostas, uma está relacionada com mudança quanto ao material apresentado (imagem) e a última está relacionada com o material apresentado ao painel, que não incluía a idade das crianças, tal como previsto no material original. De acordo com este elemento, esta informação é essencial destacando a necessidade de "... subdivisão de idades dentro de cada categoria de avaliação."

Os valores do IVC bem como as sugestões dadas, serão analisadas e discutidas a seguir, mediante os dados obtido na literatura, demonstrando que o recurso tem uma boa validade de conteúdo.

4 Discussão

Cerca de 20 anos após a independência de Cabo Verde e a mais de 500 anos de sua descoberta em 1460, o Crioulo de Cabo Verde que foi um dos primeiros de base portuguesa que se formaram na costa ocidental da África, persiste até hoje com grande vitalidade como língua materna, não só para a população residente no arquipélago, mas também para a maioria das comunidades emigrantes espalhadas pela Europa e pela América (Pereira,2007).

O processo de tradução, de adaptação cultural e linguística e a validação da tradução feita (análise de conteúdo) foi realizada baseada nos procedimentos recomendados pela literatura (Guilemin, 1993 e Beaton, Bombardier et al.,2000)

Por se tratar de um instrumento validado numa cultura específica, passando por um processo de tradução e adaptação, tentou-se, o mais possível, que este processo fosse ao encontro da cultura da população-alvo, porém respeitando os princípios e as particularidades metodológicas definidas pelos autores.

Assim sendo, o instrumento passou por uma primeira fase de tradução, por dois tradutores independentes entre si. Durante as análises, verificou-se a necessidade do envio das imagens (com a autorização da autora do teste) para os tradutores para que, assim, fosse realizada uma tradução que respeitasse os aspetos culturais e linguísticos da população cabo-verdiana, permitindo alcançar as equivalências semântica, idiomática, cultural e conceitual (Alexandre e Coluci, 2011).

A participação de uma tradutora linguísta no painel de peritos foi de extrema importância para esclarecer algumas discrepâncias detetadas durante a comparação das versões, dando um contributo valiosíssimo no quesito linguístico e ortográfico do Crioulo a constar no teste, quer nos *prompts* quer nos itens. O Crioulo falado e escrito, ao não ser estudado nas escolas, acaba por ser do conhecimento apenas daqueles que se dedicam ao seu estudo aprofundado. O mesmo se pode apontar para a importância da autora do teste, como terapeuta da fala com largos anos de experiência na área, que clarificou os diferentes pressupostos a serem avaliados em cada item do instrumento.

Da primeira etapa da tradução até ao painel de peritos foram encontradas algumas discrepâncias, que se atribuem ao facto da língua não ser oficializada. Apesar da língua crioula ser a língua materna, de ser a primeira língua de aprendizagem/contacto dos cabo-verdianos, e apesar da existência de regras gramaticais bem como de um alfabeto para escrita do crioulo, esta não é ensinada nem estudada nas escolas. O seu estudo restringe-se ao ensino superior e apenas para

aqueles que se dedicam especificamente à temática. A participação de cada um dos elementos responsáveis pela tradução ou pela retroversão foi uma chamada de atenção quanto à utilização do crioulo, não só por terem níveis de conhecimento diferentes relativamente ao Crioulo falado e escrito, mas também por terem idades diferentes. Verificamos tendência para utilização de um Crioulo com maior influência do Português no participante mais jovem, quer na ortografia quer no vocabulário quer na gramática. Por outro lado, os elementos do painel com conhecimento mais aprofundado do Crioulo demonstraram maior atenção e preocupação com o respeito pelas normas gramaticais e ortográficas do Crioulo. O mesmo se verificou com o quarto elemento que, embora seja professor do ensino básico e use o Português, ainda domina as regras gramaticais, ortográficas e lexicais do Crioulo.

Por outro lado, as crianças, mesmo as mais desfavorecidas socioeconomicamente, começam a ser mais expostas ao Português através dos meios de comunicação (rádio, televisão) e o ensino oficial do Português pode acontecer logo a partir do jardim de infância (a depender das condições socioeconómicas dos familiares, dos educadores ou outro pessoal), isto é, no ambiente educacional, sendo que no ambiente familiar retomam a fala na língua materna. Ao serem mais expostos ao Português, tendem a usar um crioulo mais “aportuguesado” a que se chama comumente “crioulês”. A ausência de uso do Crioulo escrito contribui para esta tendência.

Assim, a versão final apresentada ao painel de *cognitive debriefing* é uma versão mais respeitadora dos normativos do crioulo em termos lexicais, gramaticais e ortográficos. São exemplos disto:

1 – Recomendação segundo a Gramática de Veiga (2012), face a tradução da palavra “menina” em português por “mininu-fêmea” em crioulo. Na língua crioula, é necessário o acréscimo da palavra “fêmea” para distinguir o género feminino. Esta recomendação foi adaptada ao longo de todo o teste.

2 – Substituição do termo “esquilo” por “gato”. Esta alteração foi introduzida pelo painel de peritos, de forma a situar o vocabulário dentro da realidade cabo-verdiana. Esta substituição mereceu parecer positivo das autoras e implica alteração das imagens correspondentes

3–Artigo definido. Na língua portuguesa, uma frase é iniciada com o artigo definido “o/a,” (Ex: “A menina está muito contente...”). No Crioulo, o artigo definido é expresso pela palavra “Kel” (Ex: “Kel mininha li sta rai de kontenti...”). Porém, a expressão possui também a função de pronome demonstrativo para uma melhor organização linguística na língua (Ex: “Kusé ki kontise ku kel muxila?”).

4 – Eliminação dos itens (questão 1 da prancha 30 – constituintes morfossintáticos) referentes à concordância dos plurais. Na língua crioula, diferente da língua portuguesa, não é encontrada/usada a marca de plural, isto é, no Crioulo de Santiago, a marca do plural é percebida somente com a indicação de quantidade (número) mantendo-se o nome no singular, ou seja, a língua não faz a flexão do morfema do plural no substantivo.

5 – Eliminação do item referente a Voz passiva. No Crioulo, a voz passiva não é uma estrutura usada, pelo que os itens correspondentes (6 itens + 1 *prompt*) foram retirados.

Assim, a versão final do processo tradução-retroversão validada quer pelos tradutores quer pelos autores foi reduzida para 193 itens, com necessidade de retirada de 8 imagens e adaptação de uma.

Após o painel de peritos, o documento foi enviado para análise do *cognitive debriefing*, na qual todos os elementos do mesmo avaliaram os itens por secção (quer *prompts* quer respostas esperadas) quanto à clareza e objetividade, adequação do texto e das imagens à cultura cabo-verdiana e ainda adequação das imagens ao conteúdo pretendido.

Em relação à validade de conteúdo da versão harmonizada para a língua crioula de Cabo Verde, de acordo com Waltz et al. (2010) é necessário que o resultado seja superior a 0.80 para ser considerado aceitável. O IVCsec do instrumento TALC foi superior a 0.80 para quase todas as secções analisadas, pelo que se considera que, no global os valores estão dentro do preconizado por Waltz et al. (2010) e usado como valor de referência neste trabalho. Apenas a secção 6 obteve um IVC <0.80, o que significa que no momento da aplicação do teste se deve ter uma maior atenção nesta secção a fim de verificar a aplicabilidade das sugestões dadas pelos participantes. Por exemplo, o Perito 6 pontuou que a nível oral contabiliza a expressão "ta" como elemento de frase e se a criança não usar é considerado um défice na expressão oral. Tal pontuação, está de acordo com o apresentado na literatura. Segundo Lang (2001, 2018) essa expressão deve ser usada, pois traduz informações de hábito, de repetição de situação, que se associam ao verbo sem alterar a sua forma básica.

Relativamente ao IVCcat obteve-se um valor superior 0.80 em todos os itens. Os valores obtidos foram excelentes em três das categorias analisadas, a saber: conteúdo (1,00), linguagem (1,00), ilustrações (1,00) e tendo a categoria motivação obtido o valor de IVCcat de 0.88. na última categoria destaca-se na última pergunta relativamente as mudanças necessárias para respeitar o conteúdo, onde se obtiveram 4 respostas com pontuação 3 e 2 com pontuação 4. Ou seja, a maioria vê a necessidade de mudança. Foram dadas sugestões a nível da ortografia, mas que ao

serem comparadas com a literatura, verificou-se que não se encontram dentro das regras gramaticais do crioulo de Santiago. Tal remete, uma vez mais, para a necessidade da aplicação de um pré-teste e a necessidade de aceitação de mais tipos de respostas, devido a influência do português na fala dos cabo-verdianos e também devido a algumas expressões que, atualmente, não são utilizadas com muita frequência. As sugestões dadas parecem estar relacionadas com questões de variação da língua de uma ilha para a outra, i.e., regionalismo, ou na mesma ilha, mas sujeitas a influência do Português sobre a língua. Tal remete, novamente, para a necessidade do ensino da língua crioula de Cabo Verde às crianças em ambiente educativo, isto porque uma língua que não é ensinada no sistema educativo, com o tempo desaparecerá, ou seja, presenciaremos a morte de uma língua, e a primeira influência cairá sobre a ortografia, pois esta será influenciada por línguas estrangeiras e posteriormente a oralidade. Corroborando a nossa ideia, Ferreira (2000), apresenta como exemplo o Mirandês, afirmando que: “Em qualquer grupo de pessoas com interesses comuns se podem construir um conjunto de palavras e de sinais específicos que os diferenciem dos demais e permitem um reconhecimento imediato. Tais como as gírias, que são linguagem com um teor defensivo, possuindo um código secreto, imutável, passageiro e que não se aprende desde o berço. Mas o fato do Mirandês, assim como o Crioulo serem considerados a língua da família, ambiente informal, estes não podem ser vistos como um estigma, pelo contrário, devem ser vistos como a chave da sua recuperação como língua viva. Isto é, enquanto uma língua for usada no seio familiar, esta tem o seu futuro assegurado. Uma língua só morre quando os pais, que a aprenderam desde berço, desistem de a transmitir por sua vez aos seus filhos.”

Levando em consideração os resultados obtidos dos IVC, em relação às reuniões do cognitive debriefing, considera-se de grande contributo a opção de ter realizado a entrevista com cada um dos 6 fonoaudiólogos com experiência clínica em atendimentos com crianças dentro da faixa etária do TALC, após responderem previamente ao questionário. O facto de serem profissionais com experiência com a população à qual se destina o instrumento em estudo, conseguiram-se obter diferentes tipos de respostas de acordo com a experiência profissional de cada um, enriquecendo o trabalho do ponto de vista teórico-prático. Ou seja, são profissionais, cujo atendimento são diversificados devido ao tempo de experiência profissional, ao local de atendimento. Com isso a diversidade nas respostas, e o olhar crítico, auxiliarão muito no momento da aplicação do pré-teste.

Outro contributo desta opção, remete para a ausência de viés nas respostas pois não houve possibilidade de influência de um participante face as respostas do outro.

A dedicação e o contributo de cada um dos participantes foi uma enorme mais-valia para todo o processo, uma vez que as sugestões de melhoria foram pertinentes para garantir a clareza dos itens, a acessibilidade e a adequação cultural e serão essenciais para a fase seguinte deste processo.

5 Considerações Finais

Neste trabalho pretendia-se traduzir, adaptar cultural e linguisticamente e contribuir para uma validação do instrumento "TALC", desenvolvido pelas autoras Sua-Kay & Tavares (2011) em Portugal, para a população cabo-verdiana.

Seguindo as etapas metodológicas recomendadas pela literatura, conseguiu-se atingir a versão harmonizada para o Crioulo nas traduções iniciais e retroversão. Após o consenso, essa versão foi analisada pelo painel de peritos, durante o qual foi necessário realizar uma análise item a item, a partir das várias sugestões de melhoria. Dessa análise resultou a necessidade de retirar ou adaptar itens e a necessidade de substituir uma imagem para uma melhor adaptação cultural.

Já no painel do *cognitive debriefing*, a análise individual por profissionais no terreno (6 fonoaudiólogos), potenciais utilizadores deste instrumento de avaliação, através de um questionário e posterior entrevista semiestruturada, permitiram validar o trabalho desenvolvido com todos os valores dos IVC num nível de excelência, mas alertaram ainda para questões associadas ao padrão de resposta das crianças a quem este instrumento se destina. Estas chamadas de atenção são essenciais para a validação, interpretação das respostas e podem levar a que seja necessária adaptação do manual de procedimentos do próprio teste. Sendo assim, considera-se o trabalho desenvolvido até esta fase cientificamente válido e que a versão cabo-verdiana do instrumento TALC resultante deste estudo está adaptada quer em termos de conteúdo quer em termos culturais.

Considera-se, por isso, que se alcançaram os objetivos traçados para este projeto.

Face ao planeado, conseguiu-se completar cada uma das etapas previstas, embora num prazo mais dilatado no tempo. Pode dizer-se que a disponibilidade de todos os elementos em colaborarem com a pesquisa, mesmo à distância, ajudou bastante durante todo o processo. A participação de cada um dos elementos enriqueceu o trabalho com perspetivas diferentes, tendo como facilitadoras as respostas de profissionais capacitados na área da linguística.

Durante todo o processo também se obtiveram algumas situações que não ocorreram muito bem, face ao planeado. Destacamos o não cumprimento do cronograma proposto inicialmente, ou a falta de literatura sobre o Crioulo de Cabo Verde disponibilizada na comunidade científica.

Por outro lado, destacamos o interesse das autoras do TALC no tema desta investigação assim como a sua disponibilidade para colaborarem com a pesquisa, facilitando o acesso aos materiais do teste e participando em cada uma das fases previstas.

Uma limitação do estudo, foi não ter cumprido a aplicação do pré-teste em crianças cabo-verdianas previsto neste processo. Colocou-se essa hipótese no início do processo, mas dadas as restrições de tempo, as implicações do ponto de vista dos materiais e a dificuldade de acesso a um número significativo de crianças, foi posta de lado. O fato do parecer dos participantes do *cognitive debriefing* ser baseado apenas nas experiências profissionais de atendimento com crianças desta faixa etária e não na utilização do recurso propriamente dito revelou-se muito útil para o entendimento da utilização do Crioulo nesta população, mas carece agora de continuação do estudo com a sua aplicação. Recomenda-se, por isso, negociar com as autoras a adaptação dos materiais com as alterações sugeridas neste estudo (quer das folhas de registo quer das imagens) para aplicação do pré-teste a crianças cabo-verdianas falantes de Crioulo de Santiago. Neste processo recomenda-se especial atenção às secções relacionadas destinadas a crianças mais jovens, nomeadamente com a utilização de objetos, por estas estarem menos expostas ao Português.

Dado que algumas das sugestões apresentadas pelo painel do *cognitive debriefing* remetem para a necessidade de maior latitude quanto às respostas das crianças seria interessante também ao aplicar o instrumento, manter a imagem com o esquilo e acrescentar a outra modificada com o gato, a fim de perceber se, atualmente, esta imagem já faz parte do conhecimento das crianças, apesar do animal não existir no país. Do mesmo modo, recomenda-se especial atenção e análise das respostas dadas pelas crianças dos vários subgrupos etários já identificados pelas próprias autoras do teste, para se entender não só a latitude necessária para a validação dessas mesmas respostas, mas também para se entender a influência do Português em cada um dos subgrupos. Para além das limitações supracitadas e da questão da língua crioula ainda não ser oficializada no país, espera-se que este estudo possa contribuir para o estudo do crioulo bem como para o processo de aprendizagem na língua materna. Espera-se também que o surgimento do primeiro teste de avaliação de linguagem das crianças na língua crioula, possa vir a contribuir para um futuro estudo sobre marcos de aquisição e desenvolvimento da fala e linguagem na língua crioula, bem como, para a oficialização da língua.

Reconhecer uma língua é um contributo para o seu prestígio, e, por conseguinte, um incentivo ao seu uso, formando professores, criando empregos. Consequentemente, apresenta novas oportunidades de afirmação para as crianças, contribuindo assim para o desaparecimento do complexo de inferioridade que o falar uma língua menosprezada sempre traz consigo.

Espera-se que este trabalho seja uma mais-valia para a produção científica na área da saúde e educação de Cabo Verde e um contributo para o curso de Fonoaudiologia/Terapia da Falano país. Espera-se ainda que, num futuro próximo, seja possível o surgimento do primeiro teste de avaliação de linguagem para a população cabo-verdiana na língua crioula, a fim de contribuir para uma melhor avaliação e prognóstico dos pacientes e, assim conseguirmos manter a nossa língua viva.

Referências Bibliográficas

- Alexandre, N. M. C., & Coluci, M. Z. O. (2011). Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. In *Ciência e Saúde Coletiva*, 16(7), 3061-3068. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800006>.
- American-Speech-Hearing-Association. (1982). *Language*. American Speech Language Hearing Association. ASHA 1982: Vol 24 Index : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive
- Asaridou, S. S., Demir-Lira, O. U., Goldin-Meadow, S., Small, S. L. (2017). The pace of vocabulary growth during preschool predicts cortical structure at school age. *Neuropsychologia*, 98(1), 13-33.
- Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*, 25(24), 3186-3191. <https://doi.org/10.1097/00007632-200012150-00014>
- Bochner, S., Jones, J. (2003). *Child Language Development: Learning to Talk*. London: Whurr Publishers.
- Buckley, B. (2003). *Children's Communication Skills: From Birth to Five Years*. EUA: Routledge.
- Carniel, C. Z. et al., (2017). Influência de fatores de risco sobre o desenvolvimento da linguagem e contribuições da estimulação precoce: Revisão Integrativa da literatura. 19 (1). <https://doi.org/10.1590/1982>
- Chomsky, N. (1978). *Aspectos da Teoria da Sintaxe-2ª edição*. Meireles, J. A. & Raposo, E. P.-Coimbra: Sucessor:
- Coutinho, A. P. (2012). *As perturbações da Aquisição e do Desenvolvimento da Linguagem: um estudo preliminar da prevalência, dos fatores associados e das necessidades de encaminhamento para a Terapia da Fala em crianças de idade pré-escolar do concelho de Oeiras*. Tese de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.
- Da Silva, B. L. (1975). *O dialeto do crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda
- De Oliveira, L. C. M., & Goulart, I. C. (2017). A Linguagem Infantil como Processo de Interação e Interlocução Verbal. *rev20(3)*, 40-64.
- Dockrell, J. et al. (2009). Oral language skills in the early years. *Encyclopedia of language and literacy development*. <http://peoplelearn.homestead.com/MEdHOME3/ECEcurriculum/OralLangSkillsintheEYCh4July09PDF.pdf>
- Ferreira, M. B. (2000). *Estudos mirandenses: balanço e orientações*. Homenagem a António Maria Mourinho (Atas do Colóquio Internacional: Porto, 26 e 27 de março de 1999).

- Ferreira, M. B. et al. (1996). Variação linguística: Perspectiva Dialectológica. *Linguística Geral e Portuguesa*. In *Introdução à linguística geral e portuguesa* 479–502. Lisboa :Caminho
- Ghahramanian, A., Zamanzadeh, V., Rassouli, M., Abbaszadeh, A., Alavi-Majd, H., & Nikanfar, A.-R. (2015). Design and Implementation Content Validity Study: Development of na instrument for measuring Patient-Centered Communication.
- Guillemin, F., Bombardier, C., & Beaton, D. (1993). Cross-cultural adaptation of health-related quality of life measures: literature review and proposed guidelines. *46*(12).
- Grosjean, F. (1982). *Life with two Languages*. In *Introduction to bilingualism*. Cambridge. (Mass): Harvard University Press
- Heye, J. (2003). Considerações sobre bilinguismo e bilinguidade: revisão de uma questão. *11*, 30–38.
- Hoff, E., Tian, C. (2005). Socioeconomic status and cultural influences on language. *38*, 271–278. <https://doi.org/10.1016/j.jcomdis.2005.02.003>.
- Krashen, S. D. (1982). *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon Press.
- Kuhl, P. (2010). Brain mechanisms in early language acquisition. *Neuron*.*67*(5),713–27.
- Language Scientific. (s.d.). What is Linguistic Validation? <https://www.languagescientific.com/what-is-linguistic-validation/>
- Lang, J. (2001). Breve esboço da gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde). *5*, 228–254. Califórnia:Santa Barbara Portuguese Studies.
- Lang, J. (2018). *Gramática do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Erlangen: FAU.
- Lenneberg, E. H. (1967). *Biological foundations of language*. New Jersey:Wiley.
- Likert, R., Roslow, S., & Murphy, H. (1993). A simple and reliable method of scoring the Thurstone attitude scales. *Personnel Psychology*, *46*(3), 689–690. <https://doi.org/10.1111/J.1744-6570.1993.TB00893.X>
- Lopes, A. M. V-C.M. (2011), *As línguas de Cabo Verde: Uma radiografia sociolinguística* (Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal).
- Lopes Filho, J. (2010). Alguns aspectos da claridade à luz da etnologia. *Simpósio Internacional sobre cultura e literatura cabo-verdianas: Cinquentenário da revista claridade – Atas*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 57–84.
- Ludi, G. & PY, B. (1986). *Être bilingue*. Berne. Oxford:Peter Lang

- Marques, M. E. R. (2003). *Português Língua Segunda, do Bilinguismo ou Multilinguismo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Matos, I. A. (1998). *Língua Maternal, Língua Segunda ou Língua estrangeira? O Ensino do Português a filhos de Emigrantes*. Forum de Linguística e Didáctica das Línguas. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Matos, M., Bouça, C., Batista, J., Seara, M., Mestre, S., & Dias, T. (2015). Portuguese version of the V-VST: Content Validation. https://www.researchgate.net/publication/293333882_Portuguese_Version_of_the_V-VST_Content_Validation
- Meadows, K. (2021). Cognitive Interviewing Methodologies. *Clinical Nursing Research*, 30(4), 375–379. <https://doi.org/10.1177/10547738211014099>
- Merlan, A. (2009). Situación Sociolingüística de una lengua minoritária en la zona fronteriza português-española. 229–231
- Moreira, A. K. T. (2020). *Documentação e descrição gramatical e lexical do crioulo afro português da ilha do Fogo (República de Cabo Verde, África Ocidental)*. (Tese Doutorado).
- Mota, M. A. C. (2004). Variação e mudança linguística, ainda e sempre. *Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. 127 –138.
- Mousinho, R., Schimid, E., Pereira, J., Lyra, L., Mendes, L., Nóbrega, V. (2012). Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. 25(78),297–306.
- Pereira, D., Arim, E., Carvalho, N. (2007). *Projeto diversidade linguística na escola portuguesa*.
- PEREIRA, D. O. (2006). *Essencial sobre os Crioulos de Base Portuguesa*.
- Pereira, D. (2004a). Contacto de línguas e aquisição de uma língua não materna. *Projeto Nu ben papia na skola*. <http://www.esse-jdeus.edu.pt/projectos/pl2/>
- Pereira, D. (2004b). *Pa nu skrebe na skola*. *Projecto Nu ben papia na skola*. <http://www.esse-jdeus.edu.pt/projectos/pl2/>
- Polit, D. F., & Beck, C. T. (2006). The content validity index: are you sure you know what's being reported? Critique and recommendations. 29(5), 489–497. <https://doi.org/10.1002/NUR.20147>
- Quint, N. (2000). *Grammaire de la langue capverdienne*. L'Harmattan.
- Reis, E. G. (2011). *O Crioulo como Língua Materna em Cabo Verde e as suas implicações no currículo escolar desenvolvido em português* (6Tese de Doutorado).

- Rigolet, S. A. (2006). Para uma Aquisição Precoce e Optimizada da Linguagem. Porto. Porto Editora
- Sanches, M. F. (2005). Atitude de alguns cabo-verdianos perante a língua materna. Praia: Instituto da biblioteca nacional e do livro.
- Santos, M. E. M., Torrão, M. M. F., Soares, M. J. (2007). História Concisa de Cabo Verde. Lisboa / Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical / Instituto da Investigação e do Património Culturais.
- Semedo, E. C. A. (2021). Frase Complexa em Caboverdiano (Variedade de Santiago): Um Estudo da Integração entre Cláusulas (Tese pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará)
- Silva, T. V. (2014), Alfabétu káuberdiánu. Un prupósta di skrita ku stória voltádu pa futuru. Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais (IIPC).
- Sim-Sim, I. (1998). Desenvolvimento da Linguagem. Lisboa: Universidade Aberta
- Sim-Sim, I. (2008). Desenvolvimento da Linguagem. Lisboa: Universidade Aberta
- Smiley, L., Goldstein, P. (1998). Language delays and disorders: from research to practice. Londres: Singular Publishing Group
- Sua-Kay, E., & Tavares, M. D. (2011). Teste de Avaliação da Linguagem na Criança.
- Thomason, S. G. (2001). Language Contact. Edimburgh: Edimburgh University Press
- Tyer, S., & Heyman, B. (2016). Sampling in epidemiological research: issues, hazards and pitfalls. 40(2), 57-60. <https://doi.org/10.1192/PB.BP.114.050203>
- Veiga, M. (2004). A construção do bilinguismo. Praia: Instituto da biblioteca nacional e do livro.
- Veiga, M. (1982). Diskrison Strutural di lingua kabuverdianu, Instituti Kabuverdianu di livru. Lisboa: Plátano Editora
- Veiga, M. (2012), Dicionário cabo-verdiano – português. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro
- Waltz, C. F., Strickland, O. L., & Lenz, E. R. (2010). Measurement in Nursing and Health Research (4ª): Springer Publishing Company
- Wild, D., Grove, A., Martin, M., Eremenco, S., McElroy, S., Verjee-Lorenz, A., & Erickson, P. (2005). Principles of Good Practice for the Translation and Cultural Adaptation Process for Patient-Reported Outcomes (PRO) Measures: Report the ISPOR Task Force for Translation and Cultural Adaptation. 8(2), 94-104. <https://doi.org/10.1111/J.1524-4733.2005.04054.X>

Outros Documentos

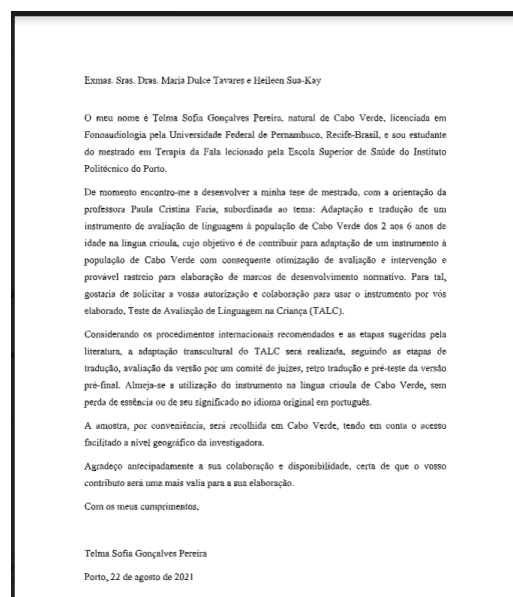
- DECRETO-LEI nº 67/98 de 31 de dezembro – Aprovação a título experimental, o Alfabeto Unificado para a Escrita da Língua Cabo-verdiana (o crioulo, designado ALUPEC).
- DECRETO-LEI nº 8/2009 de 16 de Março. Oficialização do ALUPEC. Boletim Oficial, I Série, Número 11.
- DECRETO-LEI nº 2/2010 de 7 de Maio. Bases do Sistema Educativo.
- Pereira, D. Fórum dos linguistas. Instituto Camões.

<http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/geografia/crioulosdebaseport.html>

- Meadows, K. (2021, 15 de maio). Cognitive Interviewing Methodologies.Sages Journal.
<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/10547738211014099>

Anexos

Anexo 1 – Solicitação/ Autorização das autoras do Instrumento



Cara Dr.^a Telma Sofia Gonçalves Pereira

Relativamente à sua solicitação para autorização da adaptação e tradução do instrumento Teste de Avaliação de Linguagem na Criança (TALC) à população de Cabo Verde dos 2 aos 6 anos de idade na língua crioula, informamos que acedemos positivamente ao seu pedido desde que sejam seguidos os procedimentos internacionais recomendados para a adaptação transcultural do TALC.

Estaremos disponíveis para colaborar agradecendo o envio do cronograma estabelecido e aprovado pela sua orientadora Paula Cristina Faria do Departamento Terapia da Fala da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico do Porto. De realçar que o material utilizado deverá ser mantido e qualquer proposta de alteração terá de ser aprovada por nós.


Com os melhores cumprimentos

Eileen Sua Kay

Maria Dulce Tavares

Lisboa, 01 de setembro de 2021.

Anexo 2 – Autorização da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa para a saúde de Cabo Verde

 **Ministério
da Saúde**

COMITÉ NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA PARA A SAÚDE
(CNEPS)

DESPACHO Nº68/2022

Tendo a promotora do projeto de pesquisa intitulado **“Contributo para a Validação do Teste de Avaliação da Linguagem na Criança (TALC) à População de Cabo Verde, dos 2 anos e 6 meses aos 6 anos de Idade na Língua Crioula** cumprido os requisitos exigidos pela Deliberação nº 66/2022 do Comité Nacional de Ética em Pesquisa para a Saúde;

Tendo o Comité delegado no Presidente a aprovação final dos projetos aprovados condicionalmente, abrangendo esta delegação apenas, à regularização de natureza administrativa;

Assim:

É autorizada Sra. Telma Sofia Gonçalves Pereira, a desenvolver o projeto de pesquisa **“Contributo para a Validação do Teste de Avaliação da Linguagem na Criança (TALC) à População de Cabo Verde, dos 2 anos e 6 meses aos 6 anos de Idade na Língua Crioula”** de acordo com o protocolo de pesquisa submetido ao CNEPS.

A promotora do estudo deverá informar, regularmente, ao CNEPS sobre a implementação do projeto em apreço.

Praia, 12 de dezembro de 2022.

Pelo Comité de Ética em Pesquisa para a Saúde

José António dos Reis
/ Presidente



Apêndice 2 e 3 – Grelha de comparação das Traduções e retroversões

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K
17	1.2. Imagens	Original	Tradução 1	Tradução 2	Consenso	Valor equivalência	Retroversão1	Retroversão2	Consenso	Tipo de equivalência - Painel de peritos	Final
18	Prompt - "Onde está o/a..."		Undi ki sta o/a	Undi ki (...) sta	Undi ki... sta		1 "Onde (...) sta"	Onde está o/a	Onde está o/a		"Undi ki (...) sta"
19	Prancha 1										
20		1 Maṛi	Masan	Masan	Masan - escrita		1 À maṛi	maṛi			Masan
21		2 Avore	Ari	Ari	ok		2 À avore	avore			Ari
22		3 Elefante	Eliṛanti	Liṛanti	Liṛanti - Respeito pela gramática		3 O Elefante	elefante			Eliṛanti
23	Prancha 2										
24		4 Óculos	Oḱulos	Oḱu	Oḱu - Respeito pela gramática		4 Os óculos	óculos			Oḱu
25		5 Garfo	Garfu	Garfu	Garfu - Escrita		5 O garfo	Garfo			Garfu
26		6 Escova	Stova=skova	Skoba	Skoba - Escrita		6 À escova	escova			Skoba
27	Prancha 3										
28	Prompt - "Quem está a..."	Original	Tradução 1	Tradução 2	Consenso	Valor equivalência	Retroversão1	Retroversão2	Consenso	Tipo de equivalência - Painel de peritos	Final
29			Kenha ki sa ta ...	Kenha ki sa ta ...	ok		2 "Quem está a"	"Quem está a"			"Kenha ki sa ta ..."
30		7 Comer	Kume	Kume	ok		2 comer	Comer	ok		Kumé
31		8 Escrever	Skreveskrevi	Skrebe	Skrebe - escrita		1 escrever	Escrever	ok		Skrebe
32		9 Dormir	Durmi	Durmi	ok		2 dormir	dormir	ok		Durmi
33	Prancha 4										
34		10 Correr	Kori	Kóre	Kóre - Escrita		1 correr	correr	ok		Kóre
35		11 Chorar	Txora	Txora	ok		2 Chorar	chorar	ok		Txora
36		12 Regar	Rega	Rega	ok		2 Regar	regar	ok		Rega
37	Prancha 5										
38		Original	Tradução 1	Tradução 2	Consenso	Valor equivalência	Retroversão1	Retroversão2	Consenso	Tipo de equivalência - Painel de peritos	Final
39			Kal ki ta sirbi pa ...	Kal ki ta sirbi pa ...	ok		2 "Qual é que serve para..."	"O que serve para..."			"Kal ki ta sirbi pa ..."
40		13 Ler	Le	Le	ok		2 ler	Ler	ok		Lé
41		14 Cortar	korta	korta	ok		2 cortar	Cortar	ok		korta
42		15 Pintar	pinta	pinta	ok		2 pintar	pintar	ok		Pinta
43	Prancha 6										
44		16 Comer	Kumi	Kume	Kume - escrita		1 comer	comer	ok		Kumé
45		17 Coser	Kozi	Kose	Kose - escrita		1 coser	coser	ok		Kose
46		18 Amar	Mara	Mara	ok		2 Amarar	amarrar	ok		Mara
47	Prancha 7										
48		Original	Tradução 1	Tradução 2	Consenso	Valor equivalência	Retroversão1	Retroversão2	Consenso	Tipo de equivalência	Final - Painel de peritos
49											
50			Oḱja pa kes chavis. Undi tvaḱi pikinoti sta? "	Oḱja kes tvaḱi. Undi tvaḱi pikinoti sta? "	"Oḱja kes tvaḱi. Undi tvaḱi pikinoti sta? "		"Vé essas chaves. Onde dias estão as chaves? Onde pequena? Onde está a camisola molhada? "	Observe essas chaves. Onde está a pequena? Onde está a camisola molhada? "	essas chaves. Onde está a pequena? Onde está a camisola molhada? "		"Oḱja kes tvaḱi. Undi tvaḱi pikinoti sta? "

Apêndice 4 – Questionário

Seção 1 de 10

Tradução, adaptação e validação do instrumento - "Teste de Avaliação da Linguagem na Criança - TALC" para o crioulo caboverdiano

Peço que responda às seguintes questões sobre o instrumento TALC de acordo com a sua melhor análise. Utilize as imagens e as ordens do manual que foram enviadas em anexo para responder às questões aqui apresentadas.

Ao submeter está a autorizar a divulgação dos dados no campo científico.

Após a seção 1 Continuar para a próxima seção

Seção 2 de 10

Dados Demográficos

Descrição (opcional)

Seção 2 de 10

Dados Demográficos

Descrição (opcional)

Idade *

Texto de resposta curta

Gênero com que se identifica *

Texto de resposta curta

Tempo de formação *

Texto de resposta curta

Instituição onde trabalha *

Texto de resposta curta

Exerce com crianças *

- Sim
- Não

Há quanto tempo trabalha com crianças (em anos)?

Texto de resposta curta

Após a seção 2 Continuar para a próxima seção

Seção 3 de 10

Seção 3 de 10

Compreensão - Seção 1: Vocabulário

1. Responda às seguintes perguntas em relação ao conteúdo do instrumento:

1.1. Considero que o texto desta secção é claro e objetivo: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

1.2. Considero que o texto desta secção é adequado para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente

1.2. Considero que o texto desta secção é adequado para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

1.3. Considero que as imagens desta secção são adequadas para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

1.4. Considero que as imagens desta secção representam o pressuposto para a avaliação: *

1.4. Considero que as imagens desta secção representam o pressuposto para a avaliação: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

Após a secção 3 Continuar para a próxima secção

Seção 4 de 10

Compreensão - Secção 2: Relações Semânticas



2. Responda às seguintes perguntas em relação ao conteúdo do instrumento:

2.1. Considero que o texto desta secção é claro e objetivo: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte

- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

2.2. Considero que o texto desta secção é adequado para a cultural caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

2.3. Considero que as imagens desta secção são adequados para a cultural caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

2.4. Considero que as imagens desta secção representam o pressuposto para a avaliação: *

- Discordo totalmente
- Discordo em partes
- Concordo em partes
- Concordo totalmente

Após a secção 4 Continuar para a próxima secção

Seção 5 de 10

Compreensão - Secção 3: Frases Complexas



3. Responda às seguintes perguntas em relação ao conteúdo do instrumento:

3.1. Considero que o texto desta secção é claro e objetivo: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

3.2. Considero que o texto desta secção é adequado para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo plenamente

3.3. Considero que as imagens desta secção são adequadas para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo plenamente

3.4. Considero que as imagens desta secção representam o pressuposto para a avaliação: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo plenamente

Após a secção 5 Continuar para a próxima secção

Seção 6 de 10

Expressão - Secção 4: Vocabulário

4. Responda às seguintes perguntas em relação ao conteúdo do instrumento:

4.1. Considero que o texto desta secção é claro e objetivo: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

4.2. Considero que o texto desta secção é adequado para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

4.3. Considero que as imagens desta secção são adequadas para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente

- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

4.4. Considero que as imagens desta secção representam o pressuposto para a avaliação: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

Após a secção 6 Continuar para a próxima secção

Seção 7 de 10

Expressão - Secção 5: Frases Absurdas



5. Responda às seguintes perguntas em relação ao conteúdo do instrumento:

5.1. Considero que o texto desta secção é claro e objetivo: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

5.2. Considero que o texto desta secção é adequado para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

5.3. Considero que as imagens desta secção são adequadas para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

5.4. Considero que as imagens desta secção representam o pressuposto para a avaliação: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

Após a secção 7 Continuar para a próxima secção

Seção 8 de 10

Expressão - Secção 6: Constituintes Morfossintáticos



6. Responda às seguintes perguntas em relação ao conteúdo do instrumento:

6.1. Considero que o texto desta secção é claro e objetivo: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

6.2. Considero que o texto desta secção é adequado para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

6.3. Considero que as imagens desta secção são adequadas para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

6.4. Considero que as imagens desta secção representam o pressuposto para a avaliação: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

Após a secção 8 Continuar para a próxima secção

Seção 9 de 10

Expressão - Secção 7: Intenções Comunicativas



7. Responda às seguintes perguntas em relação ao conteúdo do instrumento:

7.1. Considero que o texto desta secção é claro e objetivo: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

7.2. Considero que o texto desta secção é adequado para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

7.3. Considero que as imagens desta secção são adequadas para a cultura caboverdiana: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

7.4. Considero que as imagens desta secção representam o pressuposto para a avaliação: *

- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

Após a secção 9 Continuar para a próxima secção

Seção 10 de 10

Fim do questionário



Grata pela colaboração!

Apêndice 5– Guião de entrevista

P.PORTO

ESCOLA
SUPERIOR
DE SAÚDE

Guião da entrevista semi-estruturada

Contributo para validação do TALC para crioulo de Cabo Verde: tradução e adaptação cultural e linguística.

- Qual a sua perceção do conteúdo para o público-alvo?
- Como percebe a sequência do texto utilizado?
- Qual a relevância das informações do conteúdo para o público-alvo?
- Aborda sobre a clareza do texto. Alguma sugestão de melhoria face a este ponto?
- O que pensa em relação ao vocabulário usado para o público-alvo?
- Considera necessário acréscimo de mais ilustrações para o conteúdo?
- Baseado na sua experiência as ilustrações são necessárias para a compreensão do conteúdo?
- Qual a motivação que as ilustrações trazem para a manipulação do material impresso?
- O conteúdo despertou seu interesse?
- Percebe alguma importância do conteúdo para a sua prática clínica?
- Quais são para si as mudanças necessárias para o conteúdo.